



ANO 7 - NÚMERO 86 - DEZ 2021



apuri

SOCIOAMBIENTAL

R\$15

VOZES DA FLORESTA:

“AQUI NUM CAI
UM PÉ DE PAU!”

p. 08

CHICO MENDES

Herói do Brasil
p. 17

CHICO MENDES

Bilhete para a juventude
p. 22

CHICO MENDES

O grito verde que anda
p. 36





Nossa história é com os bancários, com você e pelo Brasil!

Por uma Caixa Econômica Federal
100% pública, forte e social!

SAIBA MAIS ACESSANDO O SITE
WWW.FENAE.ORG.BR E FAÇA PARTE
DESSE MOVIMENTO

OU APONTE A CÂMERA PARA
O QR CODE AO LADO



FENAE

FEDERAÇÃO NACIONAL DAS ASSOCIAÇÕES
DO PESSOAL DA CAIXA ECONÔMICA FEDERAL

“ Perguntaram-me uma vez se eu saberia calcular o Brasil daqui a vinte e cinco anos. Nem daqui a vinte e cinco minutos, quanto mais daqui a vinte e cinco anos... Mas, se não sei prever, posso pelo menos desejar. Posso intensamente desejar que o problema mais urgente se resolva: o da fome. ”

Clarice Lispector

COLABORADORES/AS - DEZEMBRO

Ailton Krenak – Escritor. Altair Sales Barbosa – Arqueólogo. Bariani Ortencio – Escritor. Chico Mendes – Ambientalista (*in memoriam*). Emir Bocchino – Designer Gráfico. Emir Sader – Jornalista. Helho (Hélio Bueno) – Ilustrador. Iêda Leal de Souza – Professora. Iêda Vilas-Bôas – Escritora. Janaina Diniz – Cineasta. Janaina Faustino – Gestora ambiental. Leonardo Boff – Ecoteólogo. Lélia Gonzalez – Antropóloga (*in memoriam*). Lúcia Resende – Professora. Lúcio Flávio Pinto – Jornalista. Luiz Inácio Lula da Silva – 35º Presidente do Brasil. Nani (Ernani Diniz Lucas) – Humorista (*in memoriam*). Pedro Tierra – Poeta. Reinaldo Filho Bueno – Escritor. Thiago de Mello – Poeta. Zezé Weiss – Jornalista.

CONSELHO EDITORIAL

Jaime Sautchuk – Jornalista. Zezé Weiss – Jornalista. Agamenon Torres Viana – Sindicalista. Ailton Krenak – Escritor. Altair Sales Barbosa – Arqueólogo. Ana Paula Sabino – Jornalista. Andrea Matos – Sindicalista. Ângela Mendes – Ambientalista. Antenor Pinheiro – Jornalista. Cleiton Silva – Sindicalista. Elson Martins – Jornalista. Emir Sader – Sociólogo. Gomercindo Rodrigues – Advogado. Graça Fleury – Socióloga. Iêda Leal – Educadora. Iolanda Rocha – Professora. Jacy Afonso – Sindicalista. Jair Pedro Ferreira – Sindicalista. Júlia Feitoza Dias – Historiadora. Kleiton Moraes – Sindicalista. Kretã Kaingang – Líder Indígena. Lucélia Santos – Atriz. Maria Maia – Cineasta. Rosilene Corrêa Lima – Jornalista. Samuel Pinheiro Guimarães Neto – Diplomata. Trajano Jardim – Jornalista.



EXPEDIENTE

Xapuri Socioambiental: Telefone: (61) 99967 7943. E-mail: contato@xapuri.info. Razão Social: Xapuri Socioambiental Comunicação e Projetos Ltda. CNPJ: 10.417.786\0001-09. Endereço: BR 020 KM 09 – Setor Village – Caixa Postal 59 – CEP: 73.801-970 – Formosa, Goiás. Edição: Zezé Weiss, Jaime Sautchuk (61) 9 8135 6822. Revisão: Lúcia Resende. Produção: Zezé Weiss. Jornalista Responsável: Thais Maria Pires – 386/ GO. Marketing e Responsabilidade Social: Janaina Faustino (61) 9 9611 6826. Mídias Sociais: Eduardo Pereira. Tiragem: 5.000 exemplares. Circulação: Revista Impressa – Todos os estados da Federação. Revista Web: www.xapuri.info. Distribuição – Revista Impressa: Todos os estados da Federação. ISSN 2359-053x.



Nossa matéria de capa deste mês de dezembro, como todos os anos, honra a memória de Chico Mendes. Desta vez, em um formato um pouco diferente: compartilho com vocês excertos de uma peça que escrevi para nossa conselheira e amiga Lucélia Santos.

Interpretada por Lucélia, a peça conta a história da resistência do movimento dos seringueiros do Acre sob a perspectiva de três mulheres de luta: Valdiza Alencar, seringueira do Vale do Acre; Cecília Mendes, matriarca do Seringal Cachoeira; e a própria Lucélia Santos, essa militante extraordinária que, há 33 anos, anda pelo Acre e pelo mundo, defendendo o legado de Chico Mendes.

“Vozes da Floresta – Aqui não cai um pé de pau!” será apresentada pela primeira vez no dia 18 de dezembro, em frente a casa de Chico Mendes, em Xapuri, como parte das celebrações em memória de Chico Mendes, nos 33 anos de seu assassinato.

Nesta edição, publicamos o texto memorável do presidente Lula, “Chico Mendes Herói do Brasil”, o poema “Um Grito Verde que Anda”, do Pedro Tierra, e o “Bilhete para a Juventude”, do próprio Chico Mendes. Esse é o jeito que encontramos para somar força na resistência, especialmente neste momento em que a Amazônia corre o risco de não viver, por conta deste governo antifloresta, que insiste em destruir não somente a floresta, mas também os povos originários e extrativistas que nela e dela vivem.

Mas não é só isso. Tem muito mais coisa boa nas páginas da Xapuri 86, preparada com carinho, pra você.

Feliz 2022!



Zezé Weiss – Editora

Jaime Sautchuk – Editor (*in memoriam*)





Mensagens pra Xapuri

contato@xapuri.info

*Fiquei feliz ao receber minha camiseta do Lula para fortalecer
a minha militância aqui na cidade. Obrigado.*

Diego Souza – Alfenas – MG

*Contem sempre com nosso apoio!
Vocês desenvolvem um trabalho maravilhoso!!!*

Talita Regia e Rodrigo Britto – Brasília – DF

*Não há melhor sintonia com o Brasil real nesse
momento que esse: Josué na capa [da X84]. O resto é perfumaria.*

Xico Sá – São Paulo – SP



Revista Xapuri

Imagem do mês

@revistaxapuri

@cicero.bezerra

Marque suas melhores fotos do
Instagram com a hashtag

#revistaxapuri

Sua foto pode aparecer AQUI!

Xapuri 86

SOCIOAMBIENTAL **DEZ 21**

08

CAPA

Vozes da floresta: "Aqui num cai um pé de pau!"

22

CHICO MENDES

Bilhete para a juventude

15

BIODIVERSIDADE

Uacari-Vermelho

24

CONJUNTURA

A biografia cósmica de Lula

18

CERRADO

Um universo chamado Cerrado na visão de um antropólogo que pensa como ecologista cultural

26

FORMOSA

Usina Parque Bandeirinha

Xapuri – Palavra herdada do extinto povo indígena Chapurys, que habitou as terras banhadas pelo Rio Acre, na região onde hoje se encontra o município acreano de Xapuri. Significa: "Rio antes", ou o que vem antes, o princípio das coisas.

Boas-Vindas!

28

GASTRONOMIA

Tira-gosto de guariroba

29

LITERATURA

Madrugada camponesa

30

MITOS E LENDAS

Phenex – a que ressurge das cinzas
– O mito e a magia do renascer

32

CONSCIÊNCIA NEGRA

Cumé que a gente fica?

34

FEMINISMO

Sobre a mulher e o biquini: o exercício da cidadania em tempos de trevas

35

SAGRADO INDÍGENA

O fim do mundo

38

MEIO AMBIENTE

A fogueira amazônica

40

POLÍTICA

O povo largado à própria sorte

46

SUSTENTABILIDADE

O futuro depende de nós agora

48

UNIVERSO FEMININO

Existe uma Maria Madalena no íntimo de toda mulher

VOZES DA FLORESTA:

“AQUI NUM CAI UM PÉ DE PAU!”

Todo início do mês de dezembro, Jaime e eu trocávamos uns bons dedos de prosa até decidir a matéria de capa da Xapuri. Dezembro sempre foi nosso xodó, porque é nesta edição que reafirmamos o nosso compromisso com a defesa da memória e do legado de Chico Mendes.

Em quase uma década (estamos no oitavo ano!), definida a pauta – focada sempre em um aspecto da luta de Chico Mendes e dos povos da floresta –, Jaime “carcava porva” no texto arguto e limpo da capa, que puxava o resto da revista. Este dezembro, sem o Jaime, custei um pouco pra pegar no tranco.

Aí vem a Lucélia Santos, essa militante extraordinária que, há 33 anos, luta, com unhas e dentes, contra a violência do latifúndio que matou Chico Mendes e que insiste, entra ano, sai ano, em “passar a boiada” sobre o que resta da Amazônia. Lucélia queria um texto, tipo peça de teatro, que pudesse, como fazia o Chico Mendes, envolver corações e mentes com o destino da floresta.

Teatro, nunca escrevi, nem creio que siga escrevendo. Mas Lucélia, que nunca baixa guarda, tirou do fundo do baú uma meia dúzia de áudios, gravados em antigas fitas cassete, com entrevistas que ela mesma fez com o Chico Mendes durante sua primeira viagem ao Acre, a convite dele, em maio de 1988. É um material absolutamente extraordinário!

Nos meses que se seguiram, Lucélia e eu trabalhamos juntas para “dar um jeito” de construir um roteiro que

contasse uma outra parte da história do Chico e, coisa inimaginável até bem pouco tempo, com as falas do próprio Chico Mendes que a Lucélia tinha gravado.

O resultado dessa nossa invenção ganha concretude no dia 18 de dezembro, em frente à casa de Chico Mendes, em Xapuri, no Acre, durante a Semana Chico Mendes, quando Lucélia, a única atriz da peça, se veste de Valdiza Alencar, seringueira do Vale do Acre; de Cecília Mendes, seringueira do Seringal Cachoeira; e dela própria, pra contar, pela primeira vez, a história de resistência do movimento seringueiro do Acre a partir do olhar feminino, do olhar das mulheres que fizeram e são parte essencial dessa luta.

O roteiro entremeia as vozes das mulheres com os áudios gravados por Lucélia Santos, em um esforço para relatar a luta de Chico Mendes, desde os empates de derrubada contra a devastação da floresta pelos “paulistas” (fazendeiros do sul do País) em meados da década de 1970, até o assassinato de Chico Mendes, a mando do latifúndio, em 22 de dezembro de 1988.

Mais do que uma peça de teatro, “Vozes da Floresta: ‘Aqui num cai um pé de pau!’” é um chamado à Resistência contra o passar de mais essa boiada que insiste na ameaça ao legado de Chico Mendes.

Por limitação de espaço, não é possível publicar a peça inteira aqui. O texto completo estará disponível no site da Revista Xapuri www.xapuri.info a partir do dia 19 de dezembro.



CENA 01

AQUI NUM CAI UM PÉ DE PAU!

VALDIZA – Aqui num cai um pé de pau!

JAGUNÇO – Tem prosa não, dona. Nós tamo aqui pra dirrubá.

VALDIZA – Rapaiz, cata seus trem e vai imbora. Nós aqui somo tudo siringuêro. Nós pesca no mermo rio. Nós caça na merma espera. Nós dança no mermo forró. Nós somu irmão, contra essas dirrubada, nós temu é qui si ajuntá!

JAGUNÇO – Tem prosa não, dona. Nós tamu aqui pra dirrubá.

VALDIZA – Rapaiz, faiz isso não. Pra botá boi no pasto, us paulista manda ocêis dirrubá e queimá: dirrubá seringuêra, dirrubá castanhêra; queima copaíba, queima cumarú, queima tudo. Pode não, mano!

JAGUNÇO – Tem prosa não, dona. Nós tamo aqui pra dirrubá.

VALDIZA – Pois intão vai tê impate di dirrubada! E é na paiz! As espingarda qui nós temu é só di caça, em genti nós num atira. Mais seu patrão pode guspí fogo, qui aqui nós tamu impatado. Aqui num cai um pé de pau!

JAGUNÇO – Dona, a ordi qui nós temu é di isparramá u Tordon, é di disfoiá tudo cum essi veneno, pra tirá as imbirá, tirá as planta piquena, deixá as capoêra limpa pras motosserra entrá i fazê a dirrubada.

VALDIZA – Rapaiz, tu tá avisado: Motosserra pra entrá aqui, só cum ocê e seus pistolêro passano pur cima di nós tudo, dus homi, das muié, das criança e dus véio, dus cachorro, e inté dus papagaio. Cê sabi qui é dessi jeito: qui nós junta todo mundo, vai pra frente dus jagunço e faiz um impate de dirrubada.

JAGUNÇO – Se acarma, dona, deixa qui nós si ajeita entri us homi, brigo cum muié, não; machuco minino, não; disrespeito os mais véio, não. Eu só prciso é fazê meu sirviço, e é sobre isso qui eu mais os homi vamu tê qui pruseá.

VALDIZA – Rapaiz, agora é eu qui digo: tem mais prosa, não! Pra dirrubá essa mata, a mando dessi povo, qui nós nunca vimo nem as fuça, ocêis vão tê qui vivê nu remorso di matá gente du seu próprio sangue.

JAGUNÇO – Dona, joga essa praga, não!

VALDIZA – O pió di tudo é qui dispois di fazê o sirviço sujo, ocêis tamém vão sê expulso daqui; ocêis tamém vão vê suas casa invadida; ocêis tamém vão tê suas colocação destruída; ocêis tamém vão amargá o disispero di perdê tudo...

JAGUNÇO – Dona...

VALDIZA – É isso mermo qui ocê tá escutano. Até essis paulista chegá, nós vivia em paiz nessi nosso pedaço de floresta. Agora é disgraceira pur todo lado, é violência na vida di todo mundo!



CENA 02

ATAQUE À FLORESTA

CHICO MENDES (Áudio gravado por Lucélia Santos - Transcrição):

Essa luta da gente é uma história meio assim, meio comprida. Começou a partir de todo o movimento dos empates pela defesa da floresta, principalmente em 76. Em 76, a gente [es]tava no auge, no momento mais acirrado, no momento mais difícil, no momento mais desespero que já ocorreu nesse Acre. Na época que os fazendeiros começaram a chegar, a partir de [19]70, começa então a expulsão em massa dos seringueiros. Os seringueiros foram expulsos, [viram] seus barracos queimados, suas casas... de repente os jagunços cercavam, tocavam fogo nos barracos. No Seringal Albráçia, em 72, tinha nove pistoleiros. O seringal foi comprado por um paulista por nome Vilela, ele trouxe nove pistoleiros, expulsaram todos os seringueiros dessa região. [E o que é que eles queriam, eles queriam expulsar vocês da região, dos seringais, botar o que no local, eles queriam...] Botar o boi, [eles] queriam destruir a floresta, desmatar pra botar o boi, é isso? Eles conseguiram destruir a floresta, tirar o seringueiro, tirar a seringueira, a castanheira, as riquezas que existe[m] lá dentro em troca do boi, [de] colocar o boi lá dentro. Ou seja, a substituição do homem na floresta pelo boi. A Bordon nesse momento compra uma grande área no rio Xapuri. A Bordon expulsou em massa e tocou fogo em barraco de seringueiro, matou mulher de seringueiro, queimada. Os outros fazendeiros também reagiram [da mesma forma] e toda a região de Xapuri foi bombardeada. Mais de 70%, naquele momento, dos seringueiros, em desespero, são expulsos dessa região aqui e se mandam pra Bolívia e outros pra Rio Branco, pra periferia da cidade, lá. [É] um momento de grande desespero. [Em] 76, eu assumo a diretoria do Sindicato em Brasileia, no Acre. Começa a primeira implantação do Sindicato lá. Em 76, nós sentamos e

pensamos: como como vamos barrar esse processo de desmatamento? Apelamos pra justiça, pro advogado, porque o Estatuto da Terra dá o direito ao posseiro lá na sua colocação, não poderia ser expulso. Mas isso, naquele momento, prevalecia a força e o dinheiro. A força policial já vinha em cima do dinheiro do latifúndio. Naquele período de 70 a 76, eles compraram aqui nessa região seis milhões de hectares de terras, não tiraram um tostão [do bolso], não venderam um boi no sul pra comprar essas terras... [A Bordon?] A Bordon e outros fazendeiros que vieram do sul do País. Essas terras foram compradas todas com o apoio dos incentivos fiscais da Sudam. O governo abriu as pernas pra esses latifundiários e, nesses seis anos, nessa nossa região, foram destruídas 180 mil árvores de seringueira, 80 mil castanheiras e, entre madeira de lei e cedro, o abio, o cumaru-de-cheiro, o cumaru-ferro, o amarelão, foram destruídas mais de 1 milhão e duzentas mil árvores, fora as árvores médias que [es] tavam crescendo.

CENA 09

NASCE O SINDICATO

VALDIZA – Cumpanherada, bora cumeçá a nossa reunião, qui o dotô tá danu o nomi di assembleia. Daqui hoje nós sai com o sindicato formado!

SINDICALISTA – Dona Valdiza, primeiro vamos combinar: eu aqui não sou doutor, eu aqui sou só mais um companheiro. É muito bom ver essa união, é animador ver essa conversa bonita de vocês. Agora vocês precisam decidir como vão fazer para formar uma diretoria. Pra fazer um sindicato, a gente precisa de uma diretoria.

VALDIZA – Nós temu cunversado muito e decidimu que di presidente fica o Wilson Pinheiro, que é cumpanhero muito respeitadu aqui na região, i di secretário fica o Chico Mendes, qui é bem-informado i entendi dessa luta di sindicato.

SINDICALISTA – Então fica aprovada a diretoria

com o Wilson Pinheiro e o Chico Mendes? Fica criado o sindicato?

VALDIZA – Cum a força dos companheiros!

SINDICALISTA – E eu muito me alegro de dizer que neste mês de dezembro deste ano de 1975, na varanda da casa de paxiúba da seringueira Valdiza Alencar, no Seringal Carmen, na estrada 317, entre os municípios de Brasiléia e Assis Brasil, foi criado o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Brasiléia, pra fortalecer a resistência dos seringueiros do Acre e de todos os povos extrativistas da Amazônia! Viva os povos da floresta!

VOZES – Viva! Viva a nossa Luta! Viva o Sindicato! Viva Wilson Pinheiro! Viva Chico Mendes! (Coro pode ser engrossado pelo convite da atriz à plateia para repetir as palavras de ordem).

CENA 10

MUTIRÃO CONTRA A JAGUNÇADA

CHICO MENDES – (Áudio gravado por Lucélia Santos – Transcrição):

Os fazendeiros reagem e dizem que nós [estamos] trazendo dinheiro de fora pra comprar armas, para organizar a guerrilha. Ai chega a polícia federal, o SNI. Mas nós resistimos, a gente insistiu. [Você se lembra, houve mortes, nesse período?] Sim, eu vou chegar lá. Nesse período então, se organizam várias frentes de luta. E em 79, o maior movimento rompeu-se no Acre, no município vizinho do Acre, fronteira com o Acre, no município de Boca do Acre, do estado do Amazonas, um grupo de seringueiros são ameaçados por jagunços, por pistoleiros, e o Acre, aqui, nós mandamos 300 homens pra cercar o acampamento dos pistoleiros, tomamos todas as armas, eu não fui, mas o companheiro Raimundo, meu primo, foi, e foi o primeiro movimento mais forte que se rompe, que cresce no Acre, liderado pelo companheiro Wilson de Souza Pinheiro, presidente do Sindicato de Brasiléia. Isso deu uma repercussão muito forte, e como naquele momento Wilson Pinheiro era a figura principal, nos empates de derrubada, em todo o Acre, os fazendeiros, no mês de junho, todos os fazendeiros da região fazem uma reunião e decidem pela morte de Wilson Pinheiro e de Chico Mendes, que também estava começando a crescer naquele momento. No dia 21 de julho de 1980, eu estava numa Assembleia Sindical no Vale do Juruá, no outro lado do Acre, e Wilson Pinheiro estava na sede do Sindicato, assistindo uma televisão com seus companheiros. E nessa noite, um pistoleiro se deslocou pra Brasiléia e outro aqui pra Xapuri. O que chegou aqui em Xapuri perdeu a viagem, porque aqui eu não estava. O de Brasiléia acertou em cheio no Wilson Pinheiro. Por ali, no canto da casa, deu três tiros e matou o Wilson Pinheiro. [1980?] 1980. Aquele momento, taticamente, os fazendeiros avaliaram que o Sindicato de Brasiléia apesar de ser forte, mas ele tava centralizado numa liderança que era o Wilson Pinheiro e que ele deveria morrer, porque matando o Wilson

Pinheiro o Sindicato recuaria e eles conseguiriam com isso seu trunfo principal, que era o domínio sobre a terra.



CENA 11

WILSON PINHEIRO

DONA CECÍLIA – De certa maneira, os fazendeiros acertaram. Aquela morte foi muito violenta, assustou todo mundo. Armaram tocaia no Sindicato e pegaram o Wilson Pinheiro de jeito. Foi morte na hora, sem chance de defesa.

JORNALISTA – Esse assassinato ocorreu como?

DONA CECÍLIA – Os companheiros contam que o Wilson Pinheiro tava lá no sindicato assistindo a uma novela, parou pra jantar e quando voltava pro salão, viu um banco atravessado. Mal ele virou de lado pra ajeitar o banco, já recebeu os três tiros. Um na virilha, outro no braço, outro na nuca.

JORNALISTA – Quanta violência!

DONA CECÍLIA – Violência demais, maldade demais, crueldade demais! O corpo do Wilson Pinheiro foi caindo por cima da mesa do Sindicato. O sangue dele se espalhou pela mesa toda. No dia seguinte, o filho dele encontrou os cartuchos das três balas, junto daquela faixa de sangue quase seco.

JORNALISTA – Foi esse assassinato que desmobilizou o Sindicato?

DONA CECÍLIA – A morte e o que veio depois dela. Na missa de sétimo dia, veio gente do Brasil inteiro, veio o Lula, veio muito sindicalista, veio imprensa. Foi nessa missa que o Lula falou que tava na hora da onça beber água. Os companheiro, é claro, estavam revoltados.

JORNALISTA – O discurso que acabou em processo na Justiça?

DONA CECÍLIA – Os fazendeiro aproveitaram esse clima de revolta pra queimar seu próprio arquivo. Na madrugada, mataram um capataz de fazenda que todos pensavam que era o mandante do crime, e a culpa caiu nos seringueiro.

JORNALISTA – Como assim?

DONA CECÍLIA – Dessa morte em diante, foi desgraça em cima de desgraça. Prenderam as liderança, quebraram os dente, arrancaram as unha deles no torniquete. O Lula, o Chico Mendes, todos foram julgados e condenados. Lei de Segurança Nacional.

JORNALISTA – Então tudo acabou, mesmo?

DONA CECÍLIA – Em Brasília não teve jeito, o Sindicato teve que recuar por muitos anos. O que os fazendeiros não contavam é com a Resistência, que veio forte, com o Chico Mendes, a partir do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri.

CENA 12

CHICO MENDES

JORNALISTA – Dona Cecília, a senhora sabe de muita coisa!

DONA CECÍLIA – E eu não sei? Eu vi como a luta começou. Desde que o Chico passou a ser liderança, eu fui acompanhando tudo bem de perto, ele andava sempre aqui pelo Cachoeira, era muito forte a presença dele aqui nessa região de Xapuri.

JORNALISTA – O Chico Mendes?

DONA CECÍLIA – Sim, era meu sobrinho. O pai dele era irmão legítimo do meu esposo. O Chico pra mim era como um filho, ele me considerava muito. Eu tive 15 filhos, já perdi a conta dos netos, passo o dia inteiro e não termino de contar. Mas no meio dessa gente toda, quem me faz mais falta mesmo é o Chico.

JORNALISTA – Então a senhora viu o Chico Mendes crescer?

DONA CECÍLIA – Vi sim, meu filho. Desde muito pequeno que o Chico já era diferenciado. Ninguém nunca entendia aquele doidura dele por café, aquela vontade de saber ler, nem aquela coragem pra se embrenhar sozinho pelo mato quando ficava aborrecido.

JORNALISTA – Desde pequeno?

DONA CECÍLIA – Desde muito pouca idade. O Chico nunca foi de briga, só que de vez em quando ele enfezava. Mas depois que ele cresceu, ele ficou tão calmo, tão bom, tão tranquilo... Quando as pessoas ficavam nervosas, ele acalmava todo mundo.

JORNALISTA – Mesmo?

DONA CECÍLIA – Ele começava dizendo: “Não, assim a gente não resolve nenhum problema. Vem cá, vamos acalmar, vamos conversar...”. Quem diria que aquele menino enfezadinho fosse se transformar nessa grande liderança que virou o Chico Mendes!

JORNALISTA – E de onde ele tirou essa capacidade de liderança?

DONA CECÍLIA – Eu tenho pra mim que o Chico já nasceu pra ser líder, ele chegava assim, no meio de uma reunião, e logo ele já estava coordenando tudo, era um dom que ele tinha.



Foto: divulgação



CENA 16

MARCADO PARA MORRER

DONA CECÍLIA – A vida do Chico era só luta e conflito. Mas no meio daquelas ameaças todas, o tihoso do meu sobrinho conseguiu romper uma inimizade histórica dos índios com os seringueiros e juntou todo mundo pra defender os povos da floresta não só aqui no Brasil, mas no mundo inteiro.

JORNALISTA – O tempo inteiro teve ameaça?

DONA CECÍLIA – Pois não teve? Da morte do Wilson Pinheiro, que ele também era pra morrer no mesmo dia e só não morreu porque quando o pistoleiro chegou pro ataque ele tava de viagem, até o 22 de dezembro, quando por fim deram conta de tirar a vida dele, o Chico sempre foi um cabra marcado para morrer.

JORNALISTA – Marcado pra morrer?

DONA CECÍLIA – A cada luta, era mais um risco. A cada viagem, era mais um perigo. A cada vitória do movimento, o Chico ficava mais perto da morte, e ele sabia disso, mesmo não querendo, ele sabia que ia ser morto.

JORNALISTA – Ele sabia que ia morrer...

DONA CECÍLIA – O Chico sabia que o latifúndio não deixaria ele vivo.

JORNALISTA – O que mais irritava o latifúndio?

DONA CECÍLIA – Tudo era motivo de violência. O latifúndio atacava o Chico por tudo: pela resistência dos empates, pelo sucesso das Reservas Extrativistas, pelas viagens internacionais com a volta pra casa cheio de prêmios, pelo apoio que o movimento ganhava no mundo, pela luta toda.

JORNALISTA – Mas houve algum momento, alguma situação em que a situação ficou mais grave?

DONA CECÍLIA – Eu acho que a gota d'água foi o empate do Cachoeira, porque com esse empate os assassinos do Chico se viram obrigados a ficar de fora do seringal da família Mendes, que é esse mesmo Cachoeira onde todo mundo vive até hoje. Isso já era demais pra cabeça deles.

JORNALISTA – Foi mesmo?

DONA CECÍLIA – Uns dias antes do Chico morrer, ele veio aqui e falou comigo: “Tia, agora acabou, agora o Cachoeira é nosso, mesmo. Agora todo mundo vai ser dono de sua colocação, todo mundo vai ser dono do seu lugar, só que essa luta vai custar sangue, e o sangue que vai derramar é o meu”.

JORNALISTA – Nossa, dona Cecília...

DONA CECÍLIA – Eu dizia: Deixa disso, meu filho. Mas ele me dizia: “Não, tia, não tem jeito: o seringal é nosso, mas eles vão cobrar o meu sangue por isso.” Ele sabia do que ia acontecer... Eu me lembro muito bem do empate do Cachoeira. Foi o último empate com o Chico em vida.



CENA 23

DISCURSO DE DESPEDIDA

LUCÉLIA SANTOS – Em 22 de dezembro de 1988, no começo da noite, aqui mesmo, no quintal desta casinha azul e rosa, nesta rua pacata de Xapuri, um tiro de escopeta, disparado por um pistoleiro entocaiado, tirou a vida do seringueiro Francisco Alves Mendes Filho. O grande líder da floresta tinha acabado de completar 44 anos de idade naquela mesma semana, no dia 15 de dezembro.

LUCÉLIA SANTOS – Discurso no velório de Chico Mendes (Áudio)

Você foi um dos companheiros mais iluminados que eu tive (...) e dos seres humanos mais puros que eu conheci. Você era o verdadeiro homem da floresta. E a floresta taí, a tua luta taí, o teu projeto social a gente vai continuar encaminhando. Em nome da tua obra, de tudo o que você plantou, de tudo que você ensinou pra esse país e pra todo mundo que te premiou, que te aplaudiu e que vibrou com o teu trabalho. Na terra, a gente vai lutar pela punição de quem te matou. A gente vai pedir justiça, justiça pra quem mandou te matar. A gente vai lutar pela Reforma Agrária, pra que outros assassinatos como esse não voltem a acontecer. A gente vai lutar pra acabar com essa UDR nojenta. A gente vai lutar para estabelecer uma democracia de verdade nesse país, que fica dizendo que é democrático e continua matando no campo os trabalhadores do campo. Em maio quando eu vim aqui, a pedido do Chico, pro Encontro das Mulheres e pra que se tirasse a chapa [da] nova presidência do Sindicato, eu disse, “a UDR, nesse dia 1º de maio, eu quero dizer nessa praça de Xapuri que a UDR tem que aprender a respeitar os trabalhadores”. A UDR continua não respeitando os trabalhadores. A violência, a brutalidade, a maldade no campo é uma coisa horrível. As pessoas não têm noção do que fizeram matando Chico Mendes. Não têm noção da burrice, da estupidez de matar

um homem como Chico Mendes, não que as outras vidas que foram tiradas não tenham o mesmo valor, mas só que o Chico era conhecido no Brasil inteiro, amado no Brasil inteiro, conhecido fora do Brasil, foi premiado na ONU, era um homem de uma luz pessoal extraordinária e que atravessava fronteiras. Nós queremos Justiça! Hoje o Lula disse aqui: “Um ministro da Justiça que não pune a morte de 80 camponeses num ano, que se deponha! Fora! Trabalhadores do campo, nós queremos uma Reforma Agrária no Brasil. Nós temos que reabrir esse Congresso, não esperar um ano, nem um dia. Assim que estourar o novo ano, 1989, a gente tem que botar uma campanha nas ruas, pedindo, exigindo, lutando por uma Reforma Agrária. A gente vai continuar unido em nome da vida do Chico, da força do Chico, da luz, do seu brilho, da sua gana, de tudo que ele representou pro movimento ecológico brasileiro e internacional, ecológico e social. Cada gota de borracha que ele tira de uma seringa, que ele quer preservar a árvore em pé, ou de uma castanheira, é cada gota de suor de um trabalhador que tem que se transformar wem pão, os trabalhadores têm direito a uma via normal, decente, digna. Em nome de tudo o que o Chico defendeu e que eu tive a honra de poder, humildemente, em algum momento, defender ao lado dele, em nome de todos, o sonho de Chico Mendes, em nome de todos os nossos sonhos que são um sonho só, é um sonho de uma sociedade harmoniosa, justa, humana, com pão pro todo mundo, com alegria no coração e o direito a um a Natal com amor e felicidade e alegria. Em nome de toda a vida, de todo o amor, de toda a pureza do nosso companheiro, do nosso amado Chico Mendes, eu abro esse ato, e não adianta a gente continuar repetindo o discurso político, a gente tem que se juntar, se organizar e exigir uma resposta do governo brasileiro.



Zezé Weiss - Jornalista
Socioambiental.



UACARI - VERMELHO

Helho e Nani

*Uacari Vermelho de raiva quando cativo
Uacari Vermelho numa poça de sangue
- não mais vivo -
E o homem não vermelho de vergonha
Nem morto de remorso
Desextingue o que é da Natureza
Que é meu, seu, dos filhos nossos.*

UACARI-VERMELHO - Seu nome científico é *Cacajao rubicundus*. Ele não chega a atingir 1 metro de comprimento total. É uma espécie amazônica. Alimenta-se de frutos, brotos, ovos e pequenos animais. Ele atinge um valor muito alto nas coleções de animais vivos, principalmente no exterior, para onde é contrabandeado. É também caçado para servir de alimento.



Helho (Hélio Bueno), ilustrador e escritor, em *Desextinção*, Fundação Rio-Zoo - Thex Editora, 1997.



Nani (Ernani Diniz Lucas), humorista e escritor, em *Desextinção*, Fundação Rio-Zoo - Thex Editora, 1997. Faleceu em 08/10/2021, vítima da Covid-19.

SINDICATO



DOS TRABALHADORES RURAIS DE XAPURI - ACRE



CHICO MENDES HERÓI DO BRASIL

Luiz Inácio Lula da Silva

Chico talvez nem soubesse o que queria dizer ecologia e muito menos holocausto ecológico quando começou sua romaria pela floresta, para organizar a peãozada dos seringueiros. Primeiro, no Sindicato dos Trabalhadores Rurais e, mais tarde, para criar o PT.

Nessas caminhadas pela mata, ele acabou juntando numa bandeira só a luta ecológica, a luta sindical e a luta partidária, porque sabia que elas são indissociáveis: uma alimenta a outra no mesmo ciclo da vida na floresta. E, feito inimaginável naquele tempo, para defender as mesmas lutas, sob a mesma bandeira, Chico liderou a união de índios, ribeirinhos e seringueiros na grande Aliança dos Povos da Floresta.

Quando estive em Xapuri, no Acre, para ajudar na campanha do Chico a prefeito, em 1985, a barra já estava pesando. Os fazendeiros do centro-sul do Brasil, que tinham invadido a região, não escondiam de ninguém que ele estava marcado para morrer. Logo o Chico, que foi um dos mais apaixonados defensores da vida que já conheci, homem tão puro e tão limpo como a água da chuva da mata, que foi sua companhia inseparável.

É em memória de todos os companheiros e companheiras que, como o Chico, tombaram em defesa da terra, da floresta e da vida, que seguimos lutando para implantar no Brasil as políticas públicas sonhadas por ele. Políticas públicas voltadas para a construção de um modelo de desenvolvimento capaz de gerar riquezas para o País e para os povos da floresta

e, ao mesmo tempo, de preservar a nossa Amazônia para as gerações presentes e futuras.

Lá num cantinho do céu, Chico hoje deve estar feliz por saber que, nesses últimos 33 anos, nem nós esmorecemos, nem seu trabalho deixou de ser multiplicado por nosso Brasil afora. Nós hoje temos um Acre melhor, uma Amazônia melhor e um Brasil melhor. Como companheiro, celebro as vitórias alcançadas por todos nós a partir dos empates de Xapuri. Como brasileiro, celebro Chico Mendes, herói do Brasil, por continuar servindo de norte para a nossa luta por dias ainda melhores para todos nós e, especialmente, para os povos da Floresta.



Luiz Inácio da Silva – 35.^o Presidente do Brasil (01/01/2003 – 01/01/2011). Texto cedido à jornalista Zezé Weiss para prefácio do livro “Vozes da Floresta – Biografia de Chico Mendes”, editora Xapuri, dezembro de 2008.

O sindicato dos bancários do distrito federal presta homenagem a Chico Mendes, herói do Brasil, nos 33 anos de seu assassinato, em 22 de dezembro de 1988.





UM UNIVERSO CHAMADO CERRADO

NA VISÃO DE UM ANTROPÓLOGO QUE PENSA COMO ECOLOGISTA CULTURAL

Altair Sales Barbosa

I

Quando Darwin a apresentou, em 1859, sua obra "A Origem das Espécies" convenceu muitos naturalistas de que os seres não tinham sido criados com formas físicas imutáveis, mas que tinham mudado graças a processos naturais, através de gerações, cobrindo longos períodos.

Aqueles que mudaram para formas melhor adaptadas ao ambiente sobreviveram, os outros declinaram e extinguiram-se. A esse processo Darwin denominou seleção natural. Esses conceitos foram suficientes não só para revolucionar a biologia, mas também todo o pensamento humano.

Os argumentos e fatos indicados por Charles Darwin não incluem os efeitos da inversão de polaridade do campo magnético terrestre, nem a deriva dos continentes, pois esses fenômenos eram desconhecidos ou mesmo inconcebíveis naquela época.

Entretanto, os seus efeitos na evolução, diversidade e extinção das espécies constituem elementos importantes e só reforçam o mecanismo da seleção natural. Esta introdução é oportuna para mostrar a dinâmica do Cerrado, sob o olhar biológico e antropológico da seleção natural.

Dentro dessa ótica, podem-se perceber elementos que de outra maneira passam despercebidos, e a dinâmica da seleção natural tem a força de ressaltar a necessidade de iniciativas embasadas num seguro planejamento ambiental que, por sua vez, esteja embasado num seguro conhecimento científico.

O primeiro ponto a ser levantado no sentido de se compreender esta dinâmica se refere à evolução dos continentes, procurando enfatizar o espaço que hoje corresponde aos chapadões centrais da América do Sul.

Durante o início do Paleozoico, há pelo menos 600 milhões de anos, uma grande massa continental formava a crosta terrestre. Esse supercontinente denominava-se Pangea e ostentava paisagens muito diferentes das conhecidas atualmente.

Somente a título de ilustração, no espaço que hoje corresponde ao território brasileiro, formaram-se três grandes bacias de sedimentação, denominadas no Brasil de Bacia Amazônica, Bacia do Maranhão e Bacia do Paraná.

Essas áreas, separadas por arcos geológicos, experimentaram durante milhões de anos, diferentes



II

processos de sedimentação e ambientes, ora sendo marinho, ora terrestre, e eram conectadas com áreas similares no que hoje em dia corresponde à Antártida, África e Austrália, como atestam os processos sedimentares e a existência de fósseis semelhantes encontrados nestes locais.

No Permiano Superior, ou seja, no final do Paleozoico, essa grande massa continental inicia um processo de cisão, baseado no deslocamento das placas tectônicas e, no Triássico, ou seja, no Mesozoico, já existem dois grandes blocos continentais, um ao norte, denominado Laurásia, e outro ao sul, denominado Gondwana.

Separando os dois supercontinentes se encontrava o mar Tethys, nome que significa mãe dos mares, segundo a mitologia grega. A Laurásia estava constituída pelo que mais tarde seria a América do Norte, Groenlândia, e a parte da Europa e da Ásia que fica ao norte dos Alpes e Himalaia.

O continente de Gondwana, por sua vez, era constituído pelas terras que futuramente constituiriam América do Sul, África, Índia, Austrália e Antártida. Ainda no Triássico, ou seja, no início do Mesozoico, esses dois grandes blocos continentais começaram a se fragmentar em unidades menores, mas as fossas originadas entre essas unidades continentais não chegaram, no início, a constituir barreiras para o movimento dos animais terrestres.

Entretanto, no período Cretáceo, Mesozoico Superior, os obstáculos já não permitiam essa comunicação. É importante salientar que essa época coincide com um período de extinção em larga escala dos grandes répteis.

O Cerrado, entendido aqui como sistema biogeográfico, tem sua história evolutiva ligada aos principais processos experimentados pelos vegetais, o que culminou com a formação da flora atual, mas está intimamente ligado também às mudanças ambientais, que aconteceram na área que hoje corresponde a grande parte do território brasileiro, principalmente a partir de 80 milhões de anos.

Nessa época, num período denominado Cretáceo, da era Mesozoica, existiam grandes desertos nas áreas hoje correspondentes ao Brasil, sendo que o maior desses desertos recebia a denominação de Botucatu. Daí para frente, porém, houve uma sensível atenuação da aridez, posto que a maior parte do território tenha comportado climas quentes semiáridos e subúmidos, segundo se deduz, pelos tipos de sedimentos e por suas microestruturas.

Nessa época, uma geografia de grandes lagos rasos, situados em depressões detríticas interiores, limitadas por terrenos semidesérticos, de extensão subcontinental, era a paisagem dominante. Isso ocorreu porque a maior parte dos rios formava drenagem endorreica, ou seja, nascia e desaguava no interior do continente. Nesse tempo, a vegetação era do tipo subdesértica e, provavelmente devido à tipologia geral dos solos, teria sido uma flora diferente de todas aquelas conhecidas no país.

O soerguimento Pós-Cretáceo do Planalto Brasileiro, a par com os fenômenos de circundenudação que compartimentaram o grande bloco territorial que se iniciava no Rio Grande do Sul e ia terminar na margem



Foto: Altair Sales Barbosa

sul da Bacia Amazônica, criou outras paisagens sob a vigência de climas bem mais úmidos do que os do Cretáceo e à custa de drenagens que foram preferencialmente exorreicas, isto é, com franca saída para o mar.

Esse esquema novo de topografia mais compartimentado e de solos relacionados com climas mais úmidos, perdurou por longos períodos do Terciário. Acredita-se que do Médio Terciário para a frente, os solos predominantes enquadravam-se nos domínios *pedalfers*.

Essa foi, verdadeiramente, a grande mudança global de condições ocorrida na evolução dos planaltos e das paisagens interiores do Brasil, do Cretáceo Superior para o Terciário, criando, assim, condições favoráveis ao desenvolvimento de uma flora que evoluiu no sentido da configuração atual.

Esse fato se concretiza entre o Terciário Médio e o Quaternário, período em que foram elaborados todos os tipos de vegetação relacionados de forma mais aproximada com o quadro atual inter e subtropical brasileiro. Dessa forma, surgiram as matas, as caatingas, as pradarias e os nossos cerrados.

A partir do Quaternário, principalmente na época do Pleistoceno Superior num tempo mais recente, o Cerrado ainda buscava seus limites e flutuava no espaço, sob controle das sucessivas mudanças climáticas, forçadas pela instável paleoclimatologia dos tempos quaternários.

E assim, somente no Holoceno é que os limites do Cerrado ficam restritos à área que hoje corresponde aos Chapadões Centrais do Brasil.

III

Quando a floresta amazônica começa a coalescer sobre as áreas de cerrado existentes nos baixos chapadões, força um processo de migração faunística que migra para a grande área existente no Centro da América do Sul, e essa migração faunística favorece no mesmo sentido uma migração humana.

A área *core* de cerrado dos chapadões centrais da América do Sul deve ser entendida como um Sistema Biogeográfico, composto por subsistemas interatuantes e interdependentes tanto no aspecto florístico como no aspecto da fauna. Há ambientes secos e úmidos durante todo o ano. A vegetação varia de um gradiente de campo limpo até um gradiente de mata.

Essa diversidade de ambiente empresta à biodiversidade do Cerrado um caráter peculiar e seus aspectos evolutivos fizeram com que processos culturais diferenciados também ocorressem de forma *sui generis*, transformando a região do Cerrado numa espécie de fronteira cultural.

Na realidade, alguns dos mais importantes processos culturais americanos nasceram no Cerrado, como a formação do tronco linguístico Macro-Jê, a domesticação e disseminação de certos tubérculos e outros vegetais e o desenvolvimento de tecnologia de caça, pesca e processamento de recursos vegetais nativos e cultígenos.

O estudo detalhado de diversas comunidades indígenas habitantes do Cerrado demonstra que essas populações aprenderam sabiamente a desenvolver mecanismos adaptativos e planejamento ambiental e social que fossem capazes de lhes permitir uma vida em abundância. Assim



Foto: divulgação

são os Kayapó, que habitam as áreas mais elevadas, os Karajá, específicos da calha do Araguaia, os Xavante etc.

Todos esses fatores reunidos fazem com que o Cerrado seja um laboratório antropológico único, no qual se deve olhar e aprender para, com sabedoria, saber planejar o futuro.

IV

A população indígena que povoou o Cerrado não produziu qualquer modificação brusca no equilíbrio do ecossistema, porque inicialmente os homens eram poucos e o nicho adaptativo era amplo.

Até que a população humana crescesse a ponto do seu tamanho ser prejudicial, coube à seleção natural levar a termo uma adaptação primorosamente equilibrada aos recursos ambientais.

A chegada dos exploradores de origem europeia trouxe consequências bem diversas, por duas razões:

1ª – A principal finalidade não era o povoamento e sim a exploração comercial.

2ª – Mantiveram um contato íntimo, ou com a mãe pátria ou com um poder central deslocado, a quem competia ditar as mercadorias a serem fornecidas e o preço das mesmas.

Portanto, pela primeira vez em sua longa história, a região do Cerrado ficou sob a influência contínua de um agente que era alienígena ou exótico, às vezes, como no princípio, até extracontinental, e consequentemente imune às forças modeladoras da seleção natural local.

No início a devastação foi mínima, mas com o passar dos tempos os sinais destas já eram bastante visíveis. O aumento da imigração acelerou cada vez mais o processo de degradação. Surgiram epidemias novas, que contribuíram para dizimar populações indígenas, como a gripe, o sarampo, a varíola, e tal como aconteceu em outras áreas do país, a entrada de escravos africanos introduziu a malária e a febre amarela.

O crescimento demográfico também é algo surpreendente, principalmente de 1950 para cá, e é bem provável que, após o ano 2000, a região do Cerrado tenha uma população tão grande que escape às políticas de planejamento. Esta perspectiva é aterradora, tendo em vista a magnitude da degradação que já ocorreu com uma densidade demográfica bem menor.

A partir da década de 1950, implanta-se no Brasil um modelo econômico chamado desenvolvimentalista, onde a meta é atingir o desenvolvimento a todo custo.

Essa política que, no início, é executada de forma até ingênua, com os governos militares de 1964 em diante adquire um caráter ideológico e, a partir desse momento, o hemisfério começa a presenciar uma grande revolução, não uma revolução do homem e para o homem, mas uma revolução de desrespeito à vida humana e à vida do ambiente.

V

Dentro dessa perspectiva, o Cerrado é recortado por inúmeras estradas, rios são represados, montanhas aplainadas, vegetação derrubada, animais são ameaçados

de extinção, pequenas comunidades são desestruturadas num ritmo nunca visto na história da civilização.

Ambiciosos projetos de colonização, sem o mínimo de planejamento e conhecimento, com objetivos puramente políticos, são postos em execução. Fatos recentes, ainda vivos na nossa memória, atestam a pujança que esse modelo desenvolvimentista tem, como a ocupação dos chamados Chapadões por capital alienígena, para projetos de reflorestamento com espécies estranhas ao meio ambiente do Cerrado, para produção maciça e efêmera de grãos para exportação.

A criação do estado do Tocantins pode ser citada como outro exemplo, e as especulações para a implantação da Hidrovia do Araguaia e tantos outros exemplos que podem ser listados demonstram a força dessa ideologia.

Assim é que, ao se entrar no século XXI, encontra-se em suspenso o destino do Cerrado. Se as próximas décadas trarão sua ruína ou salvação, ainda não se pode dizer. Embora sejam grandes as lacunas no nosso conhecimento, dispomos de informações suficientes para impedirmos uma degradação irreversível. O que se pode afirmar é que, enquanto o desejo de explorar o Cerrado tiver raízes estrangeiras, a possibilidade de um programa racional de desenvolvimento será nula.

Essa perspectiva é ainda mais trágica porque só o *Homo sapiens*, entre todos os seres vivos, é o que tem a capacidade de encarar o seu meio ambiente dentro de uma escala mais abrangente, não se limitando à duração de uma vida. Quando analisamos as atividades humanas dentro da perspectiva do tempo geológico, somos forçados a reconhecer que o que está acontecendo na biosfera hoje em dia nada tem de comum.

De fato, desde que os organismos primordiais desenvolveram a capacidade de liberar oxigênio, há centenas de milhões de anos, nenhuma das espécies novas desenvolveu a habilidade de alterar as condições de adaptação da vida sobre a Terra.

Os continentes mudaram de forma, as geleiras avançaram e recuaram, os mares se ergueram, algumas montanhas submergiram e os polos se deslocaram, mas os parâmetros físicos e químicos permaneceram essencialmente os mesmos.

Agora, de repente, novos compostos químicos em concentrações anormais estão sendo lançados na água, no solo e no ar.

Do mesmo modo que as populações indígenas do Cerrado foram quase que exterminadas pelas doenças do Velho Mundo, assim também as plantas e os animais que evoluíram durante centenas de milhões de anos são incapazes de enfrentar produtos químicos estranhos, introduzidos bruscamente no seu habitat.

Conhecendo de uma maneira geral como opera a seleção natural, podemos prever com toda a segurança que, das milhões de espécies que restaram, poucas serão pré-adaptadas às novas condições, mas nada garante que o *Homo sapiens* venha a figurar entre as espécies sobreviventes.



Altair Sales Barbosa - Doutor em Antropologia / Arqueologia. Sócio Titular do Instituto Histórico e Geográfico do Estado de Goiás. Pesquisador Convidado da UniEvangélica de Anápolis.



→ Atenção jovem do
Futuro.

6 de Setembro do ano
de 2120, aniversário ou
1º Setenário da Revolução
Socialista Mundial, que
unificou todos os povos do
planeta. Num só ideal e
num só pensamento de
unidade Socialista, e que
foi fim a todos os inimigos
da Nova Sociedade.

Aqui ficam somente
a lembrança de um triste
passado de dor, sofrimento e
morte.

Desculpem

eu estava sozinho do
quando escrevi este
acontecimentos, que eu
mesmo não vivi, mais tinha
o prazer de ter lembrado

L





BILHETE PARA A JUVENTUDE

Chico Mendes

"Atenção jovem do futuro – 6 de setembro do ano de 2120, aniversário ou primeiro centenário da revolução socialista mundial, que unificou todos os povos do planeta num só ideal e num só pensamento de unidade socialista, e que pôs fim a todos os inimigos da nova sociedade. Aqui ficam somente a lembrança de um triste passado de dor, sofrimento e morte. Desculpem. Eu estava sonhando quando escrevi estes acontecimentos que eu mesmo não verei. Mas tenho o prazer de ter sonhado."

Observação: Nota encontrada por Gomercindo Rodrigues, amigo e assessor de Chico Mendes, junto ao telefone da mesa onde ele trabalhava, no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri, poucos dias depois do assassinato, ocorrido no dia 22 de dezembro de 1988. Chico Mendes foi morto a tiros uma semana após completar 44 anos, por um pistoleiro, a mando latifúndio, no quintal de sua casa, em Xapuri (AC).



A BIOGRAFIA CÓSMICA DE LULA

Emir Sader

Desde que saiu da Presidência da República – com 87% de apoio –, Lula sonhava com este livro. Uma obra que reproduzisse, da forma mais fiel possível, sua experiência de governo.

Várias vezes que conversei com ele no Instituto Lula, ele mostrava os tantos materiais que ele tinha guardado para o livro. Um sonho que começou a realizar com o Fernando Morais assim que deixou o governo. O livro – entre as quase 100 páginas de ilustrações – reproduz foto de 2011, com Lula abatido pelo tratamento do câncer de garganta que o acometia, gravando entrevista para o livro.

Que tipo de biografia é esta? Hegel dizia que há biografias que são histórias privadas, individuais e particulares. Outras que são biografias cósmicas, quando a trajetória do biografado está no centro dos grandes acontecimentos, quando capta o espírito do tempo.

É o caso da biografia do Lula, cuja trajetória se confunde com a história do Brasil, nos períodos mais importantes do país. Primeiro, como imigrante nordestino, nascido na região mais sofrida do Brasil, vítima do modelo de desenvolvimento capitalista, que privilegiava o centro-sul, em detrimento das outras regiões, especialmente do Nordeste.

Vítima das grandes secas dos anos 1950, imigrou para o sul, com a mãe e sete irmãos, em uma viagem de pau-de arara de 13 dias, comendo rapadura e farinha, com a mesma roupa. Ele, que buscava água todas as manhãs com o balde em cima da cabeça, que comeu pão pela primeira vez só aos sete anos, vinha para o sul, junto a milhões de nordestinos, buscando melhor sorte em São Paulo. Lula fez parte de uma nova geração da classe trabalhadora brasileira, que construiria a riqueza de São Paulo.

Em São Paulo, Lula foi engraxate, entregador de roupas de uma tinturaria, office-boy, até poder fazer o curso do Senai de torneiro mecânico. “O Senai foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida”, disse ele.

O livro dedica uma análise minuciosa do período em que Lula passa, em pouco tempo, de peão de fábrica a dirigente sindical e a líder do novo sindicalismo. Um período essencial na vida do Lula e na história do Brasil, porque engloba o período da ditadura militar e da transição democrática. Nele o Lula passa a ocupar lugar de destaque na vida política brasileira, conforme passa da consciência individual à sindical e dali à

política, participando ativamente da fundação do PT e da CUT, além de apoiar o surgimento do MST.

O livro não segue uma sequência cronológica. O primeiro capítulo é sobre a decretação da prisão do Lula, reconstruindo todo o clima que vivíamos no Sindicato dos Metalúrgicos na expectativa da decisão de resistir ou entregar-se à polícia. Momentos dramáticos, nas conversas do Lula e no amadurecimento da sua decisão, depois de já ter descartado antes o exílio – ele já tinha cruzado a fronteira do Uruguai na Caravana do Sul, para que comêssemos uma carne do outro lado da fronteira e nunca caiu na tentação de pedir asilo. Também descartou a possibilidade de resistir e passar à clandestinidade. Ele abominava as manchetes que anunciariam que Lula teria fugido ou que estaria foragido.

Lula escolheu, contra a opinião da grande maioria da massa presente no Sindicato, se apresentar e provar que era inocente. Embora sua prisão não tarde os poucos dias, como ele esperava, mas 581, sua opção se revelou correta. Depois de termos que presenciar as cenas dolorosas da apresentação dele à política, pudemos todos, depois de acompanhá-lo na Vigília, vê-lo sair, voltar ao mesmo Sindicato e retomar o discurso que havia ficado truncado, quando ele tinha anunciado que iria se apresentar.

O primeiro volume do livro termina com a entrada em cheio do Lula à vida política, com sua frustrante candidatura ao governo de São Paulo e com sua eleição consagradora como o deputado mais votado do Brasil.

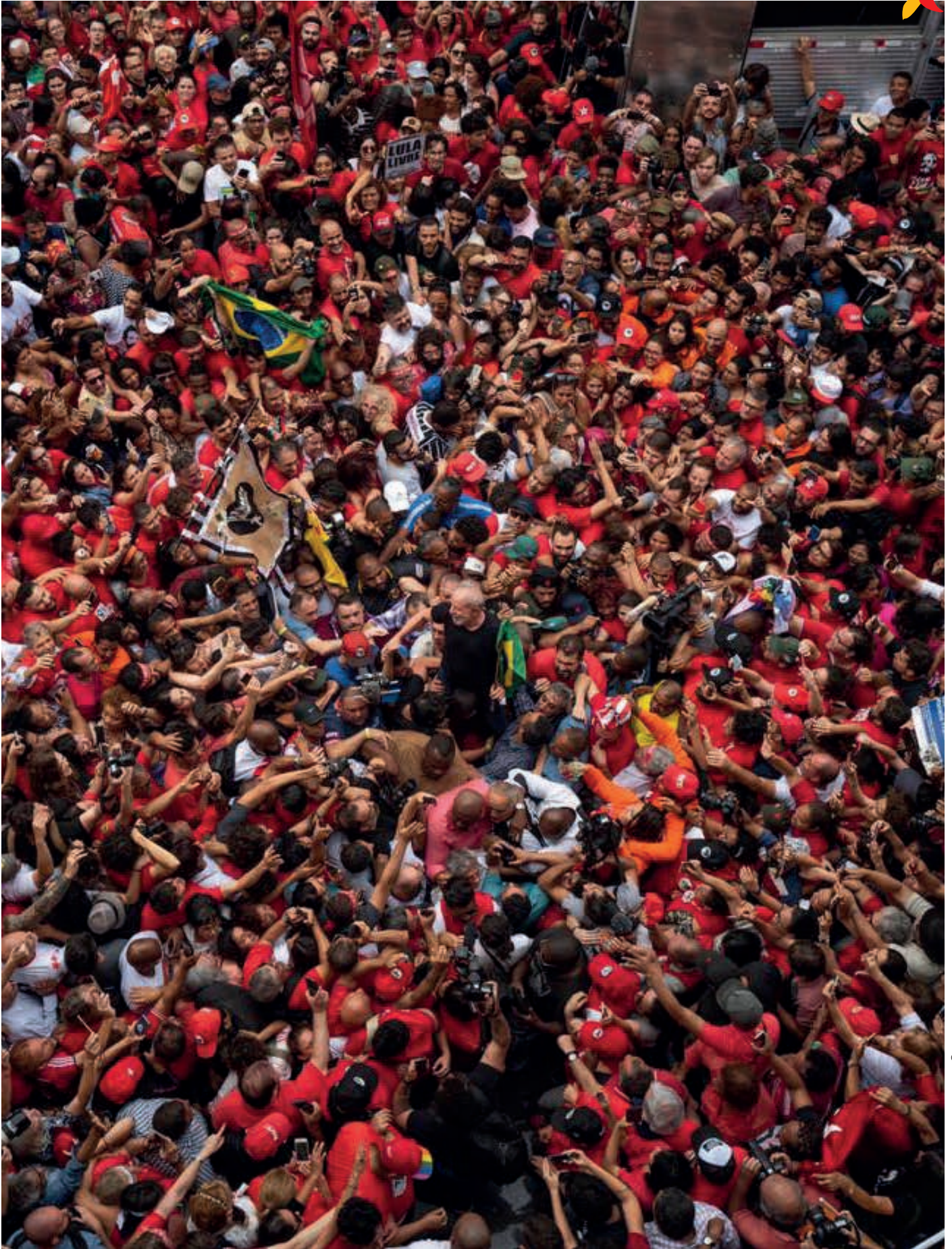
Fernando Morais anuncia que o segundo volume contará os bastidores das três derrotas de Lula nas eleições para presidente, as experiências dos dois mandatos presidenciais, o governo da Dilma e a crise que o Brasil viveu desde 2013. Difícil que tudo isso possa caber em um único volume, ainda mais que a vida política do Lula segue, com seu provável retorno à presidência do Brasil.

Porque se trata de uma biografia que, além de cósmica, é um processo aberto, coincidindo com a própria história do Brasil. Daquele que pode ser chamado de Luiz Inácio Lula do Brasil.



Emir Sader -

Sociólogo. Membro do Conselho Editorial da Revista Xapuri.



USINA PARQUE BANDEIRINHA

IMAGINE

Um braço de rio de água potável e cristalina, com quatro lindas cachoeiras, a maior com uma queda-d'água de 15 metros de altura, e todas elas – as cachoeiras do Nassim – com aprazíveis poços para banho, distantes menos de 10 km do centro de Formosa...

IMAGINE

Esse pedaço do Rio Bandeirinha, afluente do Rio Paranã, localizado a 2,5 km da GO-116, sentido Formosa-Itiquira, envolto por uma mata ciliar preservada, habitado por uma fauna diversa e colorida e entremeado por estonteantes trilhas ecológicas...

IMAGINE

Em meio a esse paraíso da natureza, se surpreender com a descoberta dos prédios da primeira usina de energia elétrica de Formosa, renovados, restaurados à sua glória dos anos 1930 e totalmente adaptados para abrigar o Memorial da Usina, importante espaço de memória afetiva e resgate histórico...

IMAGINE

Encontrar, nesse local mágico, um centro de lazer acolhedor e bem cuidado, com parque infantil, lixeiras ecológicas, uma simpática loja de conveniência e o conforto da chegada e da partida em um bucólico passeio de trem!

VOCÊ ESTÁ NO COMPLEXO TURÍSTICO USINA PARQUE BANDEIRINHA.

BOAS-VINDAS!

INGRESSOS:

usinabandeirinha



EXPLORE NOSSO PARQUE

TERÇA A DOMINGO
09 ÀS 17 h

USINA
PARQUE
BANDEIRINHA
COMPLEXO TURÍSTICO

a.com.br



TIRA-GOSTO DE GUARIROBA

Bariani Ortencio

"O que é alta como a torre, branca como papel e amarga como fel?"

A guariroba ou gariroba ou, ainda, gueroba, como comumente é chamada, é o palmito amargo, espalhado profusamente em Goiás, nas terras de cultura. O coco possui uma castanha muito gostosa e usa-se pegá-lo nos currais após passar pelo aparelho digestivo do gado, que aprecia muitíssimo as polpas desses cocos, debaixo das palmeiras. O palmito é largamente empregado aqui. É pena que se tenha que derrubar a palmeira para extrair o torete que regula um metro mais ou menos de comprimento.

Digo é pena porque as guarirobas enfeitam muito a paisagem das fazendas."

TIRA-GOSTO DE GUARIROBA À SUELY

Modo de Fazer

Corte a guariroba, de preferência a cabeça, em rodela grossas. Dê uma ferventada e troque a água acrescentando sal. Torne a ferventar até o ponto, deixando-a macia. Escorrer sem deixar nada de água. Refogar bastante cebola em rodela com alho cortadinho, pimenta-de-cheio, pimenta-do-reino e cheiro verde, no óleo e com pouca manteiga, o quanto baste. Juntar a guariroba.



Bariani Ortencio – Escritor e folclorista goiano em A Cozinha Goiana. Para adquirir este e outros livros de Bariani Ortencio, envie um e-mail para vendas.livrosbariani@gmail.com ou pelo whatsapp 62 98198 2005.



Madrugada camponesa

Thiago de Mello

Madrugada camponesa,
faz escuro ainda no chão,
mas é preciso plantar.
A noite já foi mais noite,
a manhã já vai chegar.

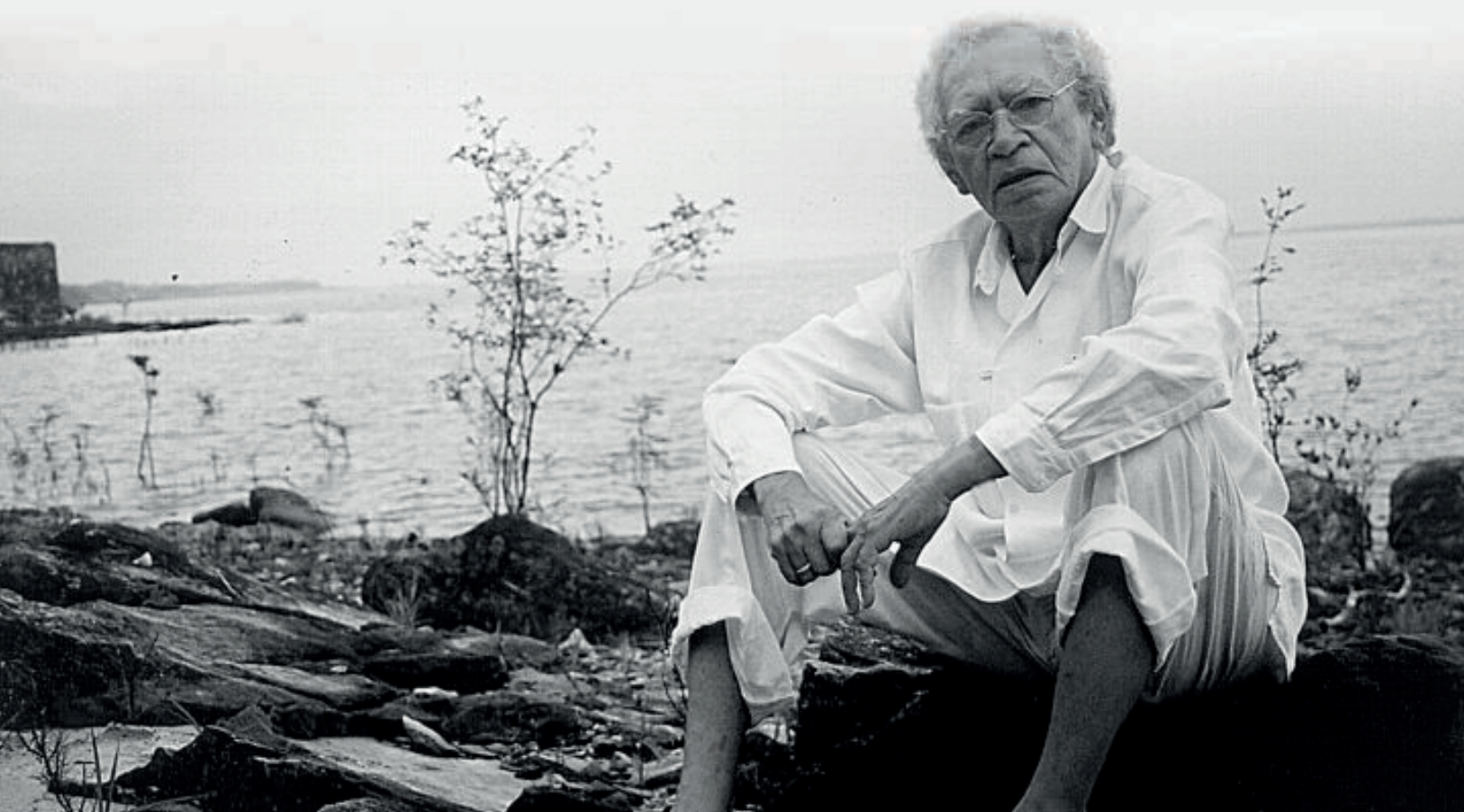
Não vale mais a canção
feita de medo e arremedo
para enganar solidão.
Agora vale a verdade
cantada simples e sempre,
agora vale a alegria
que se constrói dia a dia
feita de canto e de pão.

Breve há de ser (sinto no ar)
tempo de trigo maduro.
Vai ser tempo de ceifar.

Já se levantam prodígios,
chuva azul no milharal,
estala em flor o feijão,
um leite novo minando
no meu longe seringal.

Já é quase tempo de amor.
Colho um sol que arde no chão,
lavro a luz dentro da cana,
minha alma no seu pendão.
Madrugada camponesa.
Faz escuro (já nem tanto),
vale a pena trabalhar.
Faz escuro, mas eu canto
porque a manhã vai chegar.

Thiago de Mello - Poeta maior da
Amazônia e do Brasil, em *Amazonas*
- *Águas, Pássaros, Seres e Milagres*.
Editora Salamandra, 1998.







PHENEX – A QUE RESSURGE DAS CINZAS

– O MITO E A MAGIA DO RENASCER

————— Iêda Vilas-Bôas e Reinaldo Bueno Filho

Phenex ou Fênix representa a imortalidade e os ciclos da natureza. O mito retrata a superação da vida sobre a morte. Conta-se que, quando a ave sentia que ia morrer, montava um ninho com incenso e outras ervas aromáticas, ali se deitava e esperava ser consumida, queimada, incinerada pelos raios do Sol. Das cinzas, nascia um ovo que, pelo calor do próprio sol, faria eclodir uma nova Fênix. Magicamente, de suas cinzas, nasceria uma nova ave.

Os antigos egípcios consideravam a Fênix como a própria alma de Rá, o deus Sol. Os russos a conheciam como Pássaro de Fogo, por acreditar que ela estava constantemente em chamas. Segundo a crença, essa ave poderia viver mais de mil anos e durante todo esse período ela reinava plena e absoluta e única.

Dizem que se assemelhava ao que hoje conhecemos como uma cegonha, ou um flamingo. A Fênix era uma ave maior que a águia, cujas penas poderiam variar entre as cores azuis, roxas, douradas, brancas e vermelhas, e sua plumagem dava sorte e prosperidade a quem a avistasse. Alguns especularam que ela viveria mais de 90 mil anos, enquanto outros estimaram que sua vida durasse em torno de 500 anos.

Esse mito transcorreu barreiras geográficas e foi incorporado por outras culturas, como a greco-romana, e algumas civilizações do Novo Mundo também acreditavam e louvavam a Grande Fênix. Em Alta Magia, temos um espírito, um *Djin* que é invocado pelo nome de Phenex, este *daemon* ensina todas as ciências liberais e maravilhosas, e é um excelente poeta. Deve o mago ser experiente para não ser iludido pela sua doce e voluptuosa voz.

A ave é uma metáfora acerca de sabedoria, resiliência, do caráter ideal. Durante o Império Romano, chegou a estampar algumas de suas moedas. Com o surgimento do cristianismo, ela passou a representar a ideia de ressurreição e de vida após a morte. Simboliza a imortalidade, os ciclos naturais de vida e morte, o renascimento e, até mesmo, a existência de uma vida post-mortem.

Sem dúvida, o mito trata de persistência, de transformação, de recomeço e, principalmente, de esperança – algo bom irá surgir.

Muito foi dito acerca da Fênix pelo rodar das horas e caminhar do tempo: Há relatos de que a ela possuía um canto muito doce e suave, que ganhava tons de grande melancolia e tristeza quando ela sentia a proximidade de seu fim. E que os outros animais eram influenciados por sua tristeza. Muitos morriam junto com ela.

Também se acreditava que as cinzas da Fênix tinham o poder de ressuscitar alguém que já tivesse falecido.

Fênix está relacionada à ave *Bennu*, que representa a estrela *Sótis*, uma estrela flamejante de cinco pontas. Em todo o planeta, independente da cultura, o significado permanece o mesmo: imortalidade.

Para os gregos, a ave se liga ao deus Hermes e há referências disso em diversos templos.

Existem relatos de que possuía uma força sobrenatural, que lhe permitia carregar fardos excessivamente pesados.

Na China, a Fênix é vista como uma bela ave ligada à felicidade, liberdade, força e inteligência.

Nas bandeiras de São Francisco e Atlanta há uma Fênix, para representar a renovação e a aceitação de diferenças naquelas cidades americanas.

Compreender a Fênix e o seu sacrifício consciente, no fim da vida, mostra a grandeza do instinto natural. O auto sacrifício, o quase suicídio e a chance de ressurgir – das cinzas. Ela demonstra sua imensa força ao saber lidar com a morte, vencê-la e retornar dela radiante e esplendorosa.

Nesse ponto, tomamos o mito para uma reflexão mundana, mas necessária: estamos saindo/entrando de/em tempo pandêmico. Estamos terminando um ciclo anual e às vésperas de entrarmos em outro e precisamos, sobretudo, de renascimento: deixar renascer em cada um e cada uma de nós o esperar, o sonhar, o acreditar que é possível vencer a morte ou seus porta-vozes.

Precisamos de características fenixianas para os enfrentamentos que o novo ano nos exigirá: persistência, sabedoria e saber recomeçar.

Será preciso, no ciclo de vida que nos espera e nos espreita, pela porta semiaberta para o novo, que tenhamos coragem para fazer parte da transformação que nos será exigida, seja ela pessoal, política, econômica ou de qualquer outra natureza. Que tenhamos forças – descomunais – como a ave, para enfrentar todas as nossas dificuldades. Que possamos transcender todas as situações desafiadoras e voltarmos mais firmes, conscientes, plenos e mais poderosos do que nunca.

A pequena, mas grandiosa Fênix, deve nos servir de inspiração na busca do nosso estado máximo de sublimação e de existência de nosso poder de superação.

A Fênix sempre vence a morte! Ave!



Iêda Vilas-Bôas –
Escritora.



Reinaldo Filho Vilas Boas –
Escritor.

CUMÉ QUE A GENTE FICA?

Lélia Gonzalez

Foi então que uns brancos muito legais convidaram a gente pra uma festa deles, dizendo que era pra gente também. Negócio de livro sobre a gente. A gente foi muito bem recebido e tratado com toda consideração. Chamaram até pra sentar na mesa onde eles tavam sentados, fazendo discurso bonito, dizendo que a gente era oprimido, discriminado, explorado.

Eram todos gente fina, educada, viajada por esse mundo de Deus. Sabiam das coisas. E a gente foi se sentar lá na mesa. Só que tava cheia de gente que não deu pra gente sentar junto com eles. Mas a gente se arrumou muito bem, procurando umas cadeiras e sentando bem atrás deles.

Eles tavam tão ocupados, ensinando um monte de coisa pro criolêu da plateia, que nem repararam que se apertasse um pouco até que dava pra abrir um espaçozinho e todo mundo sentar junto na mesa. Mas a festa foi eles que fizeram, e a gente não podia bagunçar com essa de chega pra cá, chega pra lá. A gente tinha que ser educado. E era discurso e mais discurso, tudo com muito aplauso.

Foi aí que a neguinha que tava sentada com a gente deu uma de atrevida. Tinham chamado ela pra responder uma pergunta. Ela se levantou, foi lá na mesa pra falar no microfone e começou a reclamar por causa de certas coisas que tavam acontecendo na festa. Tava armada a quizumba.

A negrada parecia que tava esperando por isso pra bagunçar tudo. E era um tal de falar alto, gritar, vaiar, que nem dava mais pra ouvir discurso nenhum. Tá na cara que os brancos ficaram brancos de raiva e com razão. Tinham chamado a gente pra festa de um livro que falava da gente, e a gente se comportava daquele jeito, catimbando a discurseira deles.

Onde já se viu? Se eles sabiam da gente mais do que a gente mesmo? Teve uma hora que não deu pra aguentar aquela zoada toda da negrada ignorante e mal-educada. Era demais. Foi aí que um branco enfezado partiu pra cima de um crioulo que tinha pegado no microfone pra falar contra os brancos. E a festa acabou em briga...

Agora, aqui pra nós, quem teve a culpa? Aquela neguinha atrevida, ora. Se não tivesse dado com a língua nos dentes... Agora tá queimada entre os brancos. Malham ela até hoje. Também quem mandou não saber se comportar? Não é à toa que eles vivem dizendo que "preto quando não caga na entrada caga na saída..."





Homenagem

Iêda Leal

Neste mês de dezembro deste ano difícil em que tivemos que lutar muito contra o racismo que segue matando nosso povo preto, homenagem a memória da grande Lélia Gonzalez (1935-1994), intelectual, professora, antropóloga, feminista e militante antirracista do movimento negro brasileiro.

Publicado como epígrafe de "Racismo e sexismo na cultura brasileira", este texto dela foi apresentado pela primeira vez na Reunião do Grupo de Trabalho "Temas e Problemas da População Negra no Brasil", durante o IV Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, realizado no Rio de Janeiro, entre os dias 29 e 31 de outubro de 1980.

Que o exemplo de Lélia Gonzalez siga nos servindo de inspiração neste mundo sem-fim de lutas e de resistência!



Iêda Leal - Tesoureira do SINTEGO / Secretária de Combate ao Racismo da CNTE / Coordenadora Nacional do MNU / Coordenadora do Centro de Referência Negra Lélia Gonzalez / Secretária de Comunicação da CUT-Goiás.



SOBRE A MULHER E O BIQUINI: O EXERCÍCIO DA CIDADANIA EM TEMPOS DE TREVAS

— Janaína Diniz

Meu lugar de fala é de uma filha do biquini. É que eu fui uma barriga grávida exposta na praia, quando a barriga grávida era escondida porque era sinônimo do pecado e não devia ser vista. A barriga grávida no biquini fazia lembrar o ato sexual que deu origem àquela barriga, que vem a ser o ato que gera a vida. Enfim, incongruências.

O fato é que a moral exigia das mulheres dessa época o impossível: disfarçar uma barriga indisfarçável. Enfim, 47 anos se passaram desde que eu circulei numa barriga, num biquini que escandalizou um país moralista, de uma moral ditada pela ditadura militar. Andando bem mais pra trás, as mulheres desobedientes, as que não se curvavam ao papel determinado pra elas, que pensavam diferente, eram executadas, como exemplo de punição. O feminicídio se dava batizado como “caça às bruxas”. Eram queimadas na fogueira as que pensassem diferente do que deveriam pensar.

Pra que a humanidade se libertasse disso, sutiãs foram queimados, pílulas anticoncepcionais foram liberadas, as mulheres conquistaram o direito de trabalhar fora, sendo que o trabalho de casa ainda hoje é exigido da mulher. Conquistaram o direito ao voto. Olha só, houve um tempo em que não se podia votar, e as barrigas grávidas se tornaram símbolo da vida, motivo de orgulho.

Mas eis que os retrógrados saíram dos seus armários – onde provavelmente sempre permaneceram –, quiçá envergonhados da sua moral castradora. Talvez, envergonhados por algumas décadas. Diante da primeira oportunidade retomaram seu orgulho e ditaram as regras pra vida alheia. Encontraram como porta-voz um suposto mito que está mais para uma de nossas lendas: a “mula sem cabeça”.

Um representante de baixa capacidade intelectual, mas que vende o discurso dessa falsa moral e em troca disso muita gente anda fingindo que acha graça, aceitando a destruição de tudo, normalizando a violência, e graças a acharem graça disso, nós andamos de marcha a ré na velocidade da luz.



Em menos de um ano recuamos em décadas de conquistas, em séculos de evolução, no respeito um ao outro. Se hoje toda nudez vem sendo castigada, se as nossas maravilhosas bruxas icônicas são queimadas como são nossas florestas e nossos povos originários, estão queimando nossos direitos, nosso Estado laico. Se queimam a nossa justiça, se queimam a nossa Constituição, se a gente é castigado nu ou vestido por não seguir uma determinada doutrina – por não reproduzir o que nos ditam os atuais ditadores –, se tentam calar a nossa voz, se censuram a nossa arte, o fato é que não está dando se postar de biquini, não pelo ato em si, já que o corpo feminino enquanto objeto de desejo e de consumo sempre foi muito bem-vindo pelos ditadores da moral.

Não está dando pra gente se postar de biquini pelo fato de que nós somos cidadãs brasileiras que vivemos no Brasil medieval, colonial, ditatorial, e diante das milhares de reconquistas que urgem, realmente dá um trabalho enorme ser cidadã no Brasil de hoje. Ah, mas nós somos!

Há quase cinco décadas o biquini simbolizou uma libertação. Hoje, com tanta destruição que exige da gente um estado de alerta e de luta por todos os direitos roubados, dia sim e dia também, o biquini por hora está simbolizando uma alienação e não está dando pra gente se postar de biquini. Infelizmente, digo eu, filha de um biquini, super, hiper, mega postado, mas o que não está dando mesmo nos tempos de hoje é pra gente se dar ao luxo de não ser cidadã.



Janaína Diniz Guerra – Diretora, produtora e roteirista de cinema. Filha de Leila Diniz e Ruy Guerra.



O FIM DO MUNDO

Ailton Krenak

O fim do mundo talvez seja uma breve interrupção de um estado de prazer extasiante que a gente não quer perder. Parece que todos os artifícios que foram buscados pelos nossos ancestrais e por nós têm a ver com essa sensação.

Quando se transfere isso para a mercadoria, para os objetos, para as coisas exteriores, se materializa no que a técnica desenvolveu, no aparato todo que se foi sobrepondo ao corpo da Mãe Terra.

Todas as histórias antigas chamam a Terra de Mãe, Pacha Mama, Gaia. Uma deusa perfeita e infundável, fluxo de graça, beleza e fartura. Veja-se a imagem grega da deusa da prosperidade, que tem uma cornucópia que fica o tempo todo portando riqueza sobre o mundo...

Noutras tradições, na China e na Índia, nas Américas, em todas as culturas mais antigas, a referência é de uma provedora maternal. Não tem nada a ver com imagem masculina de pai. Todas as vezes que a imagem de pai rompe nessa paisagem é sempre para depredar, detonar e dominar.

O desconforto que a ciência moderna, as tecnologias, as movimentações que resultaram naquilo que chamamos de "revoluções de massa", tudo isso não ficou localizado numa região, mas cindiu o planeta a ponto de, no século XX, termos situações como a Guerra Fria, em que você tinha, de um lado do muro, uma parte da humanidade, e a outra, do lado de lá, na maior tensão, pronta para puxar o gatilho para cima dos outros.

Não tem fim do mundo mais iminente do que quando você tem um mundo do lado de lá do muro e outro do lado de cá, ambos tentando advinhar o que o outro está fazendo. Isso é um abismo, isso é uma queda. Então a pergunta a fazer seria: "Por que tanto medo assim de uma queda se a gente não fez nada nas outras senão cair?"

Ailton Krenak - Líder Indígena. Pensador. Filósofo. Em "Ideias para adiar o fim do mundo". Companhia das Letras. 2019.



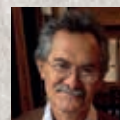
Foto: divulgação/ Henri San



O grito verde que ainda

Pedro Tierra

Francisco. Chico. Chico Mendes.
Seringa. Seringueiro. Seringal.
Legião de homens e sonhos.
Verde rompendo o verde.
Punhal aceso na memória
da água, da pedra, da madeira.
Dos homens?
A sumaúma, a seringueira,
a pedra do monte Roraima,
o sangue que mina do tronco
nos seringais de Xapuri indagam:
onde a sombra exilada de Chico Mendes?
Organizador dos ventos gerais
que combatem depois das cercas,
de todas as cercas da Terra...
Chico: um grito verde que não cessa.



Pedro Tierra -
1974.



NESTE DEZEMBRO DE 2021, MÊS EM QUE COMPLETAMOS 33 ANOS SEM A PRESENÇA FÍSICA DE CHICO MENDES NO ESPAÇO FÍSICO DESTE MUNDO, A FETEC SE SOMA NAS HOMENAGENS A CHICO MENDES, HERÓI DO BRASIL.





A Fogueira Amazônica

— Lúcio Flávio Pinto

Em nove anos, entre 2004 e 2012, foram desmatados no Amazonas, o maior estado do Brasil (com seus quase 1,6 milhão de quilômetros quadrados seria o 18º maior país do mundo), 6.034 quilômetros quadrados.

De 2013 até ontem, em nove anos, ainda por completar, o desmatamento somou 10.263 km². O maior desmatamento foi atingido em 2021, de 2.342 km², ainda faltando pouco mais de um mês para o ano acabar. A taxa de incremento em relação a 2020 foi também recorde: 55%.

No Acre, em 14 anos (de 2013 a 2017), o desmatamento somou 4.583 km². Nos últimos quatro anos a partir de 2018, o total foi de 10.283 km², mais do que o dobro. O recorde também foi em 2021; 871 km². A taxa foi de 23% em relação ao ano anterior.

Esses números mostram que a expansão da predatória fronteira amazônica vai se intensificar para novas unidades, sobretudo o Amazonas e o Acre, os estados com cobertura vegetal predominante, os menos desflorestados da região. O Acre, com área 10 vezes menor do que o vizinho Amazonas, do qual se desmembrou.

Pelo ritmo do desmatamento registrado pelo Inpe nos últimos anos, os novos alvos dificilmente conseguirão se livrar do destino imposto às demais unidades federativas regionais: da expansão da atividade produtiva (e, acima de tudo, especulativa) à custa dos recursos naturais destruídos.

Roraima, o mais setentrional dos estados, também já foi alcançado pelos pioneiros e desbravadores (na verdade, os mais destruidores), mas seu espaço (sete vezes menor do que o do Amazonas), é dividido entre floresta densa e campos abertos.

Em 2019 (primeiro ano do governo Bolsonaro), o Amazonas superou Rondônia entre os estados mais desmatados da Amazônia, ocupando o terceiro lugar (com 1.245 km²), depois do Pará (3.862 km²) e do Mato Grosso (1.685 km²).

O desmatamento em Rondônia foi de 1.245 km², mas o estado nem pode comemorar: a floresta tipicamente amazônica (a hileia) ocupa espaço menor em seu território. Rigorosamente, na realidade, Rondônia já é mais Centro-Oeste

do que Amazônia. Em uma parte considerável da Amazônia, ao longo de uma faixa contínua de terras, que foi inicialmente conhecida como Arco do Desmatamento, em seguida como Arco de Fogo, a vegetação que predomina é a savana. A hileia foi transferida para os manuais de botânica e os tratados de história.

A situação mais cruel parece ser a do Pará, que se tornou o mais poderoso dos estados da região, por sua liderança nacional na produção de minérios para exportação e geração de energia bruta, além de estrutura logística para escoar a produção alheia (especialmente de Mato Grosso) para os mercados internacionais.

O estado, o segundo mais extenso da Amazônia, com 1,2 milhão de km² (seria o 22º maior país do mundo), é a maior vítima do desmatamento. Só entre 2004 e 2021, o Pará perdeu quase 85 mil km² das suas florestas, o equivalente a 7% de todo o território estadual.

O primeiro choque mundial provocado por grandes queimadas na região aconteceu no Pará, em 1976, quando o satélite americano Skylab "fotografou" uma queimada de 10 mil hectares praticada pela Volkswagen para formar pastagem para gado na fazenda que possuía no sul do estado.

Desde então, o Pará é o líder dessa lista nefasta, tanto em números absolutos como proporcionais, a partir dos levantamentos oficiais do Inpe.

Dos 186 mil km² que foram desmatados entre 2004 e 2021, 83 mil km² aconteceram no Pará. No 2º lugar, Mato Grosso registrou 37 mil km² e Rondônia, 22 mil. Os três estados mais desflorestados somam 142 mil km². O total dos outros seis Estados (43 mil km²) é metade da cota paraense.

Mas isto está mudando. Como quase sempre na Amazônia, desde que ela passou a ser o alvo da maior frente de penetração da história brasileira, para pior.



Lúcio Flávio Pinto - Jornalista.
Matéria originalmente publicada
no site www.amazoniareal.com.br





O POVO LARGADO À PRÓPRIA SORTE

Revista Focus Brasil

Boa parte do povo brasileiro está entregue ao Deus-dará, sem que o governo mantenha um compromisso mínimo em manter o Estado de bem-estar social. Ou garanta que, em meio à mais grave crise social da nossa história, no momento mais duro para milhões de famílias, a dor do abandono não seja um programa oficial.

Mas é exatamente isso que o presidente Jair Bolsonaro está adotando: o aumento da miséria como política de Estado. Isso ocorre justamente quando o desemprego atinge diretamente 13,7 milhões de brasileiros, que se veem em situação desesperadora, sem expectativa de qualquer tipo de renda. A situação é grave. O abismo para o qual Jair Bolsonaro e o ministro da Economia, Paulo Guedes, empurram o Brasil parece não ter fundo.

Um estudo da agência de classificação Austin Rating coloca o país como o quarto do mundo em desemprego em um *ranking* de 44 nações.

Segundo a agência, o Brasil também tem a mais alta taxa de desemprego entre países que integram o G20 e o dobro da média mundial. Os dados foram compilados entre países que divulgaram informações relativas ao terceiro trimestre.

A taxa de desemprego permanece elevada, no patamar de 13,2% no trimestre até o fim de agosto. O índice, que estava perto de 12% antes do início da pandemia, saltou para 14,7% no primeiro trimestre deste ano. Segundo a Austin Rating, somente Grécia, Espanha e Costa Rica registraram taxas de desemprego mais altas do que o Brasil.

“O desemprego no Brasil é o dobro da média mundial. Temos a 4ª maior taxa do mundo. A economia não cresce; não há investimentos em infraestrutura; não há emprego e renda; miséria e pobreza avançam; inflação galopante. Somos uma grande nau desgovernada”, define o senador Paulo Paim (PT-RS).

"Essa é uma fotografia clara de quanto o Brasil está perdendo na geração de emprego", avalia o chefe da Austin Rating, Alex Agostini. "Entre os 44 países estão concorrentes diretos e outros emergentes como Cingapura, Coreia e México. Nestes países, a taxa de desemprego chega a 4%, 5%, no máximo", disse.

O país vive o drama de ver parte de seu povo sem ter renda e nem perspectivas. O PT divulgou na última semana o Mapa da Exclusão de Bolsonaro, que fará a fome explodir em grandes cidades e centros urbanos do país. Isso porque o fim do auxílio emergencial, suspenso desde outubro, e o fim do programa Bolsa Família criaram um imenso contingente de pessoas desassistidas, segundo levantamento da assessoria técnica do partido.

No fim de outubro, o governo acabou, numa só tacada, com o auxílio emergencial e o Bolsa Família, colocando em seu lugar o eleitoreiro Auxílio Brasil. A medida abandonou à própria sorte mais de 29,5 milhões de famílias. Até o mês passado, 43,9 milhões de benefícios eram pagos por meio dos dois programas extintos. Agora, o Auxílio Brasil só contempla 14,5 milhões de beneficiários.

A maior parte das famílias excluídas foi identificada pela assessoria técnica do PT no painel de monitoramento VIS Data, do Ministério do Desenvolvimento Social. O levantamento traz ainda outro recorte que revela a dimensão do problema para os grandes centros urbanos. A análise do total de excluídos nas 20 cidades com maior número de beneficiários do extinto auxílio emergencial mostra que São Paulo e Rio de Janeiro ganharam um contingente de desassistidos de 1,5 milhão e 1 milhão de famílias, respectivamente.

Em outras capitais, como Salvador e Manaus, esse número ultrapassa os 400 mil. E, em Brasília, onde pessoas imploram aos gritos por comida no meio da rua, o corte foi tão brutal que o número de benefícios caiu 81%, indo de 482,5 mil para 91,1 mil, gerando a exclusão de mais de 391 mil famílias. Não é preciso ser especialista para concluir que, inevitavelmente, o problema da fome se agravará ainda mais, uma vez que o desemprego segue alto e o preço dos alimentos não para de subir.

Vale destacar que o número de excluídos pode ser ainda maior, uma vez que o PT não teve acesso ao total de famílias por município que continuaram recebendo o Bolsa Família durante a vigência do auxílio emergencial. A presidenta nacional do partido, deputada federal Gleisi Hoffmann (PT-PR), pediu os dados ao governo.

Bolsonaro criou o Auxílio Brasil com objetivos claramente eleitorais, para ter o que mostrar na campanha do ano que vem. Tanto que os recursos para pagar os R\$ 400 por mês que prometeu só vão durar até dezembro de 2022, fechadas as urnas.

Isso se esse dinheiro sair, pois o governo depende da aprovação da PEC do Calote. O governo pagou em novembro apenas R\$ 200 como benefício aos 14,5 milhões que não foram excluídos do Auxílio Brasil.

Como Bolsonaro e Guedes não têm um plano para alavancar o crescimento e gerar empregos, a perspectiva é de um cenário aterrorizante em 2022. Segundo agentes do próprio mercado financeiro, o país será o último em crescimento do PIB entre os emergentes. Projeções de Bradesco, Goldman Sachs, Capital Economics, Fitch Ratings e Nomura variam entre 0,8% e 1,9%, em cenário otimista. Para o economista William Jackson, da consultoria britânica Capital Economics, a inflação e a pandemia afetaram as economias, mas "no Brasil, tudo isso parece um pouco mais extremo".

A economia nacional acumula os sintomas da derrocada. Na ponta mais fraca da corda – a dos trabalhadores – cada vez mais pessoas contraem dívidas. É o que aponta a Radiografia do Endividamento das Famílias da Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de São Paulo. "Com a queda na renda, o povo está precisando se virar e lançou mão de crédito pra pagar contas e colocar comida na mesa.

O cenário é de endividamento que atinge maior nível em 11 anos, 71% das famílias. Agora com essa carestia toda, com desemprego, a situação tende a ficar ainda pior", alerta Gleisi. No primeiro semestre deste ano, 71,4% das famílias entrevistadas pelos técnicos da Fecomércio-SP apresentaram algum grau de endividamento.

Desde o início da série histórica, em 2010, nunca antes tantos estiveram tão "pendurados" em dívidas. E a um nível 15,6%, ou 9,7 pontos percentuais (p.p.), superior à média registrada no mesmo período entre 2010 e 2020. Em um universo de 16,8 milhões de lares, quase 12 milhões tinham dívidas no fim de junho. São mais 733,9 mil famílias em relação ao mesmo mês de 2020 e 1,36 milhão, se comparado a 2019. Em dois anos, o total de lares com dívidas aumentou 11,5%. Em junho de 2019, o percentual de famílias brasileiras endividadadas nas capitais era de 64,1%. Em 2020, passou para 67,4%.

Oito das 27 capitais, aponta a pesquisa, alcançaram a maior taxa histórica – Rio Branco é a pior, com 92% das famílias endividadadas. Embora o percentual de famílias com atraso no pagamento tenha caído de 26,3% para 25,6% (4,3 milhões em termos absolutos), entre junho de 2020 e junho de 2021, o cenário de menos renda e mais inflação, com a decorrente elevação dos juros, aponta para retração econômica e mais endividamento e inadimplência nos próximos meses.

A FOME ESTÁ DE VOLTA. UMA VERGONHA QUE PRECISAMOS ERRADICAR OUTRA VEZ

Cleiton dos Santos



Em 2014, pela primeira vez na história o relatório O Estado da Insegurança Alimentar no Mundo, produzido pela Organização das Nações Unidas (ONU), tirou o Brasil do Mapa da Fome. Entre 2002 e 2013, o número de brasileiros subalimentados caiu 82%.

Como isso foi possível? "Gostaria que a resposta fosse complexa ou sociológica, mas não é: bastou vontade política", escreveu em recente artigo na Folha de São Paulo o presidente da ONG Ação da Cidadania, Daniel Souza, filho do sociólogo Betinho, o pioneiro fundador da associação na década de 1990 para combater a fome no país. Ele

se referia às iniciativas adotadas pelo governo Lula na década de 2000, entre eles o Bolsa Família, o aumento sistemático e anual do salário mínimo e programas de incentivo ao pequeno e médio produtor, responsáveis pela produção de quase 70% do alimento que chega à mesa dos brasileiros.

Seis anos depois, o país regrediu monumentalmente e está de volta ao Mapa da Fome. Segundo estudo da Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (Rede PENSSAN), que congrega pesquisadores independentes de todo o país, do total de 211,7 milhões de brasileiros, 116,8 milhões conviviam com

algum grau de insegurança alimentar, dos quais 43,4 milhões não tinham alimentos em quantidade suficiente. E quase 20 milhões de brasileiros e brasileiras enfrentavam a fome.

“Este quadro permite concluir que vivemos o que tem sido considerado como uma sindemia, englobando tanto os impactos da crise sanitária que afetam todas as dimensões da vida em sociedade como também os determinantes da Insegurança Alimentar situados no aumento da pobreza em paralelo à maior concentração de renda e riqueza entre os segmentos sociais mais ricos”, resume o relatório da Rede PENSSAN.

O estudo, divulgado em outubro de 2021, foi elaborado com dados coletados em dezembro de 2020, o que permite supor que a fome se alastrou ainda mais pelo país nestes últimos 12 meses.

E o que ocorreu no Brasil nesse período para provocar tamanho retrocesso?

Houve um golpe político-parlamentar para interromper as políticas de inclusão social, substituindo-as por um programa ultraliberal que implementou uma série de reformas antipopulares e de enxugamento do Estado, que estão provocando imenso desemprego, redução de salários e direitos, aumento da inflação, crescimento da pobreza e mais concentração da riqueza.

Começou no governo Temer com a reforma trabalhista e com a imposição do teto de gastos, que limitou os investimentos em públicas voltadas para a maioria da população, e com a liberação da terceirização em atividades-fim. E continua no desgoverno Bolsonaro, com a aprovação da reforma de previdência, o fim do Bolsa Família e a destruição paulatina das políticas públicas para educação, saúde, proteção do meio ambiente, defesa das minorias e dos direitos humanos, além da entrega do patrimônio nacional e das empresas públicas.

O resultado é a destruição de um país. Além do aumento da fome, a inflação é a maior das últimas décadas, com 13,5 milhões de desempregados, 28 milhões de subempregados e 5,1 milhões de desalentados. Entre abril de 2020 e abril de 2021, a massa salarial dos trabalhadores empregados caiu 4,7%, equivalente a R\$ 12,05 bilhões, segundo o IBGE. Sem contar os 615 mil mortos na pandemia da Covid-19 por ação criminosa do governo.

A ofensiva contra os trabalhadores continua, com apoio de uma base parlamentar comprada a peso de ouro. Dia 10 de novembro agora o Executivo

editou o decreto 10.854, que retira incentivo fiscal ao Programa de Alimentação do Trabalhador (PAT), criado em 1976 para melhorar as condições nutricionais e de saúde dos trabalhadores. E prepara mais uma reforma trabalhista, que amplia a precarização, acaba com folgas nos finais de semana e reduz papel da Justiça do Trabalho.

Para acabar com a fome e reconstruir o Brasil, voltar a crescer, gerar empregos, aumentar salários e redistribuir renda só será possível com vontade política. E obviamente com outro governo. É preciso resistir. Mas enquanto a eleição não chega, podemos e devemos exercer nossa solidariedade e contribuir da maneira que for possível para amenizar o sofrimento dos brasileiros e brasileiras que passam fome hoje no país.

Inúmeras iniciativas Brasil afora estão atuando com esse objetivo. As centrais sindicais, entre elas a CUT, estão orientando seus sindicatos filiados a se engajarem na campanha nacional “Natal Sem Fome: cultivando a solidariedade”, impulsionada pelo MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) em parceria com diversos outros movimentos sociais.

A campanha vai de 10 de dezembro a 6 de janeiro. Para aqueles que querem contribuir com a doação de alimentos e para a realização de ceias populares, basta depositar qualquer valor no **PIX** campanha@institutocultivar.org.br ou na conta bancária abaixo:

CAIXA ECONÔMICA

AG 1231

CC 2260-1

OP 003

CNPJ 11.586.301/0001-65

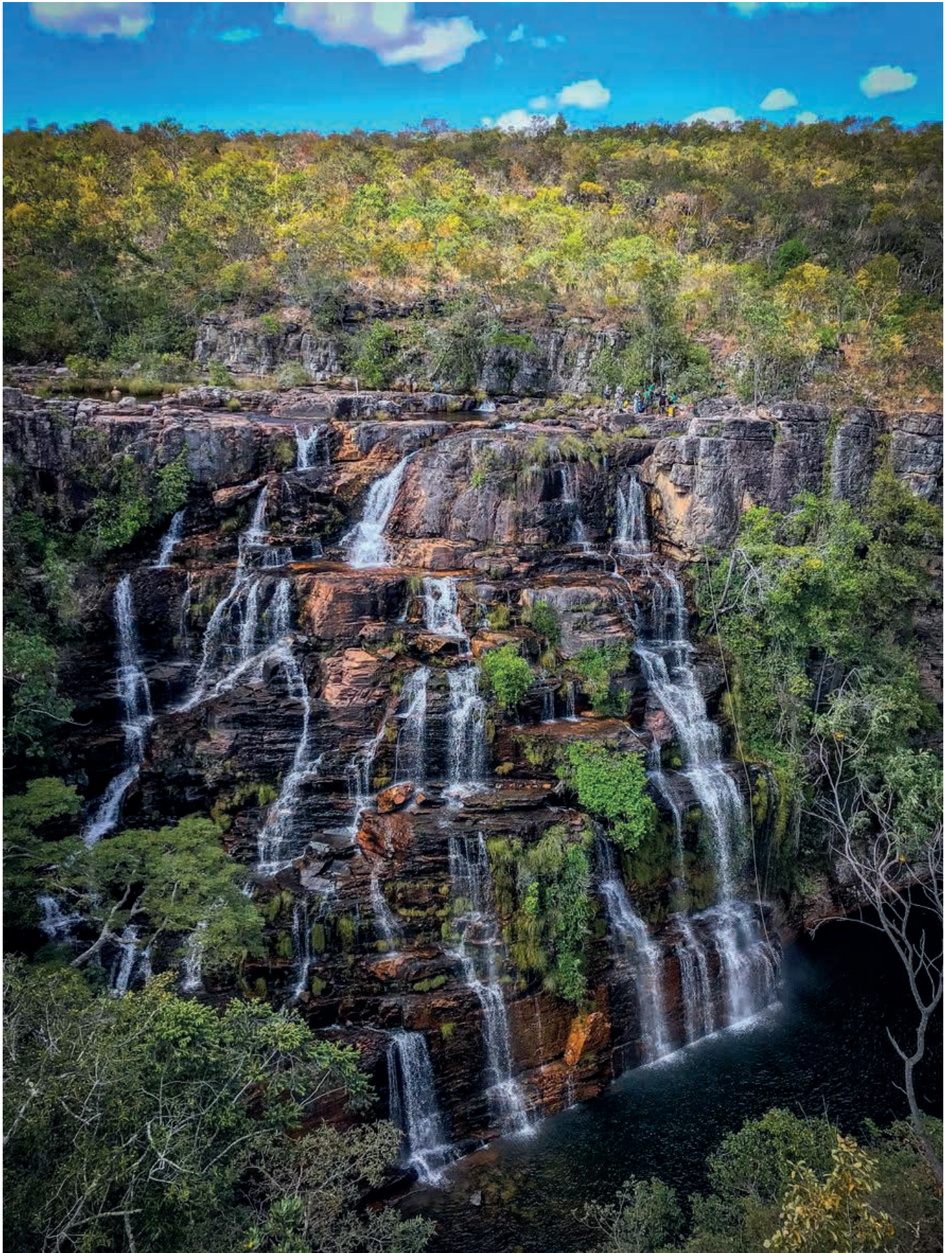
Acabar com a fome no Brasil é um compromisso de todos nós.



Cleiton dos Santos – Presidente da Federação dos Bancários do Centro-Norte (Fetec-CUT/CN)



FETEC CUT
Centro Norte



EDUCADORES AMBIENTALISTAS GARANTEM INSERÇÃO DA SEMANA DO CERRADO NO CALENDÁRIO ESCOLAR

Conscientizar é um dos objetivos centrais da educação. E é dessa forma que o Grupo de Educadores Ambientais do DF pretende atuar nas escolas públicas do DF para defender o Cerrado: segundo maior bioma brasileiro, presente no DF e em 11 estados, com papel fundamental no abastecimento de água do Brasil.

Como estratégia, o grupo garantiu que fosse aprovado pela Câmara Legislativa do Distrito Federal projeto de lei que insere a Semana do Cerrado no Calendário Letivo da Rede de Ensino do Distrito Federal. De autoria do deputado Chico Vigilante (PT), a ideia é que, anualmente, de 5 a 11 de setembro, seja realizada uma série de ações para informar e conscientizar sobre o bioma Cerrado, por meio de painéis, seminários, palestras e outras ações educativas.

"Já existe uma lei que criou a Semana do Cerrado no DF. Mas é preciso incluir essa data no calendário letivo para que todas as escolas, da creche até o ensino médio, trabalhem esta temática tão importante. Na verdade, a importância do Cerrado deve ser trabalhada o ano inteiro como tema transversal e em todas as disciplinas. Entretanto, a Semana específica é para um maior envolvimento de toda a comunidade escolar", esclarece a educadora socioambientalista Iolanda Rocha.

Para ela, a aprovação do projeto "foi muito importante para o aprofundamento da discussão sobre o bioma Cerrado na preservação da vida no planeta Terra". "Deve ser feita uma sensibilização de toda a comunidade escolar sobre a temática do Cerrado e, com certeza, as escolas do DF farão um excelente trabalho", avalia a professora da rede pública de ensino.

O projeto de lei que insere a Semana do Cerrado no calendário escolar segue agora para a análise do governador do DF, Ibaneis Rocha (MDB), que pode sancionar ou vetar a proposta.

CENÁRIO CAÓTICO

No artigo "Cerrado: berço das águas celeiro da vida", a professora da rede pública de ensino do DF Iolanda Rocha traz informações assustadoras sobre os danos gerados no Cerrado pelo agronegócio. "Mais de 50% da vegetação nativa já foi desmatada e substituída por monoculturas de soja e criação de gado (...) Em se tratando de agrotóxicos, mais de 600 milhões de litros de venenos estão sendo jogados a cada ano nas áreas do Cerrado. Pesquisas da Universidade Federal do Mato Grosso comprovam que os impactos sobre a saúde humana e a biodiversidade já são percebidos, inclusive devido à utilização de agrotóxicos proibidos no Brasil", denuncia a docente no ensaio.

Mesmo com esse dramático cenário, a bancada ruralista é uma das principais forças no Congresso

Nacional, inclusive para pressionar a flexibilização da proteção ambiental; e isso não é de hoje. Entretanto, foi com Bolsonaro que o agronegócio deslanchou.

Enquanto o Brasil voltou ao Mapa da Fome, o agronegócio bateu recordes de lucro e exportações, com participação também recorde no PIB brasileiro. Números esses viabilizados por uma política que suspendeu os processos de reforma agrária, de demarcação de terras indígenas; que liberou como nunca antes agrotóxicos proibidos em outros países, e que abre caminho para todos os anseios de quem comanda o agronegócio.

O cenário parece não oferecer saída. Mas para a educadora socioambientalista do DF Iolanda Rocha é preciso apostar no processo de conscientização via educação. "A escola fomenta uma discussão de responsabilidade, de conscientização. É claro que é um processo longo, mas traz impactos significativos, como a conscientização do voto, por exemplo", afirma a professora.

Sem políticas públicas que garantam a defesa do Cerrado e do meio ambiente, cabe à sociedade arregaçar as mangas e lutar já em defesa da vida. Essas ações já começaram a ser feitas, a exemplo do projeto de lei que insere a Semana do Cerrado no calendário letivo da rede pública de ensino do DF. Mas o processo deve ser contínuo, engajado e sólido. Ou será tarde demais.





O FUTURO DEPENDE DE NÓS AGORA

Leonardo Boff

A COP26 em Glasgow decepcionou no ponto central: no consenso sobre a mitigação do aquecimento global, pois acolheu ainda o uso do carvão, embora gradativamente a ser abolido, como fonte energética. Mas teve um mérito, nunca havido nas sessões anteriores das 25 COPs. Desta vez, sem exceção, se admitiu a existência antropogênica dos distúrbios climáticos.

Os eventos extremos, a intrusão do metano, devido ao degelo do *permafrost* e das calotas polares, 20 vezes mais danoso que o CO₂, a erosão crescente da biodiversidade, a gama de vírus como o Covid-19, a Sobrecarga da Terra (*Earth Overhoot*), que nos atemoriza a cada ano, pois o atual consumo demanda mais de uma Terra e meia (1,75), o que impede sua biocapacidade e a ultrapassagem de algumas das Nove Barreiras Planetárias (9 *Planetary Boundaries*), que podem pôr em risco nosso ensaio civilizatório, dobraram os negacionistas, que preferiam anteriormente defender suas fortunas e capitais do que a vida do planeta e nosso futuro comum.

Tais eventos fizeram surgir cenários apocalípticos e um verdadeiro terror metafísico, no sentido de temermos por nossa sobrevivência nesse planeta. Muitas são as advertências dessa eventualidade por parte de renomados cientistas e principalmente do Papa Francisco que, na última encíclica,



paradigmática, *Fratelli tutti* (2020) taxativamente asseverou: “estamos no mesmo barco; ou nos salvamos todos ou ninguém se salva” (n.34).

Há uma calorosa disputa mundial sobre como seguirá a história no pós-pandemia. Vários modelos estão na pauta. Estimo que os mais radicais devem ser descartados, por serem demasiadamente cruéis e anti-vida humana como o Great Reset, a “Grande Reinicialização” de um capitalismo despótico, sugerido pelo príncipe parasita Charles e assumida pelo 0,1% dos bilhardários mundiais.

Também o tentador “*Capitalismo verde*”, que visa a cobrir de verde todo o planeta, mas nunca coloca a questão da desigualdade social, que penaliza e ceifa milhões de vidas humanas. Aceitáveis e, de certo modo, promissores, são o ecossocialismo e o *bien vivir y convivir* dos andinos.

Ambos seriam viáveis no pressuposto de uma governança global e pluralista, dispondo-se a encontrar soluções globais para problemas globais como o da pandemia e de uma ordem planetária mínima que incluísse a todos na única Casa Comum, também a natureza.

Creio que o Papa Francisco na *Fratelli tutti* apresentou alguns dos valores fundamentais a partir dos quais se poderia projetar um paradigma que garanta o futuro da espécie e de nossa civilização: uma biocivilização centrada numa fraternidade sem fronteiras e numa amizade social universal.

Claramente se deu conta de que três pressupostos se fazem necessários: o primeiro, superar o paradigma vigente já alguns séculos, o do ser humano como *dominus* (dono e senhor), que não se sente parte da natureza, mas que a domina com o instrumento da tecnociência.

O segundo, assumir uma alternativa ao *dominus* que seria o *frater*: o ser humano, homem e mulher, irmãos e irmãs uns dos outros e de todos os seres da natureza por termos todos uma origem comum, o húmus da Terra, por sermos portadores do mesmo código genético de base e por sentirmo-nos parte da natureza.

O terceiro, ativar o “princípio esperança”, mais profundo que a virtude da esperança, aquele impulso interior que não conhece tempo nem espaço e que sempre está presente no ser humano levando-o à indignação contra os desacertos sociais e à coragem para transformá-los mediante a projeção de novos mundos, de utopias viáveis e de uma autossuperação de si mesmo.

Os valores não serão tomados das grandes narrativas já ensaiadas, a do iluminismo, do capitalismo e do socialismo, que resultaram na crise sistêmica atual, portanto, que não realizaram seus propósitos. Vai beber do próprio poço, na natureza essencial do ser humano.

Ai se descobre que somos essencialmente seres de relação ilimitada, cuja melhor expressão reside na amorosidade; seres de solidariedade, que nos primórdios da hominização nos permitiu dar o salto da animalidade

à humanidade; seres de cooperação, pois somente juntos podemos construir nosso *habitat*, que se dá na convivência, na sociedade e nas civilizações, numa palavra, no bem-comum geral; seres de cuidado, pois esse define a natureza humana, de todos os seres vivos e que emerge também como uma constante cosmológica: tudo existe porque todos os fatores sutilmente se combinaram para que irrompesse a vida, e como subcapítulo da vida, a vida humana e o próprio universo que, sem o devido cuidado de todos os elementos, não permitiria que estivéssemos aqui escrevendo sobre essas coisas; seres espirituais, capazes de colocar as questões mais radicais sobre o porquê de nossa existência, absolutamente gratuita, qual o nosso lugar no Energia conjunto dos seres, a que destino somos chamados e pelo fato de intuirmos que, por detrás de tudo o que existe e vive, subjaz uma poderosa e amorosa (o Vácuo quântico, a Energia de fundo do universo ou o Abismo gerador de tudo o que existe?) com a qual podemos nos relacionar com veneração e com o silêncio reverente.

A partir destes valores poder-se-á forjar um outro mundo possível e agora necessário. Logicamente a travessia de um paradigma a outro não se fará de um dia para outro e não sem grandes dificuldades, oposições e crises. Mas não temos outra alternativa.

Como escreveu Eric Hobsbawm em seu A era dos extremos (1995) em sua última página: “Não sabemos para onde estamos indo. Se a humanidade quer ter um futuro significativo não pode ser pelo prolongamento do passado e do presente. Se tentarmos construir o terceiro milênio nesta base vamos fracassar. E o preço do fracasso, ou seja, a alternativa para a mudança da sociedade é a escuridão” (p.562).

Isso vale especialmente para aqueles que almejam a volta à antiga normalidade, perversa para a vida da natureza e para a vida humana. Temos que mudar ou então, como disse o Secretário da ONU, António Guterres, ao abrir os trabalhos da COP26: “Se não agirmos já agora estaremos cavando a nossa própria sepultura”.

O futuro é hoje como proclamavam os cem mil da COP26 paralela em Glasgow. Se não começamos a nos orientar pelos valores acima referidos, estaremos pavimentando o caminho para um desastre ecológico-social de proporções nunca dantes havido. Mas creio e espero, espero e creio que a pulsão de vida, mais forte que a pulsão de morte, nos levará às mudanças necessárias. Viveremos e ainda brilharemos.



Leonardo Boff – Ecoteólogo. Escreveu *Cuidar da Terra-proteger a vida: como escapar do fim do mundo*, Record, Rio de Janeiro 2010; com J. Moltmann, *Há esperança para a criação ameaçada?* Vozes, Petrópolis 2014.





Existe uma Maria Madalena no íntimo de toda mulher

Iêda Vilas-Bôas

Não questionarei, aqui, se Maria Madalena era santa, louca, adúltera. Esse julgamento já foi feito e preconizado nas escrituras bíblicas – sagradas para o Cristianismo.

A mim não me interessa o “pecado” dessa mulher. Aliás, o pecado está atrelado à cultura de um povo e estamos falando de um patriarcado. Venho, em tentativa de trazer para o tempo atual, registrar uma figura importante de mulher, na gravação da memória e na perpetuação da história no tempo.

Maria Madalena – Maria de Magdala – mulher que desafiou conceitos, dogmas e papéis. Pobre, não era, pois se dava ao luxo de poder dedicar-se em tempo exclusivo ao Messias. Foi dele companheira constante. Lavou os pés do peregrino, misturou água e lágrimas... beijou seus pés, enxugou-os com seus cabelos... curou as feridas da caminhada, passou unguento.

Carinho e devoção absoluta e, depois, a estrada conjunta. Madalena, conforme está registrado, foi também discípula e companheira de projetos e sonhos. Esteve em vários eventos junto com o Nazareno.

Aí, nesse ponto, faço um destaque: Maria Madalena era mais uma apóstola. Se assim não foi designada devemos ao grande fator do machismo. Pelo que se lê e se sabe, Maria Madalena era amiga e dedicada à causa de Cristo. Essa mulher esteve com Jesus na Galileia, enquanto ele anunciava o reino de Deus aos seus discípulos.

Ela também o acompanhou quando ele e seus discípulos viajaram para Jerusalém e ingressaram na cidade santa; e até quando os romanos pregaram o corpo de Jesus na cruz.

Maria Madalena presenciou a crucificação, sofreu junto. Também acompanhou o transporte do corpo para a tumba e foi ela quem avistou, no terceiro dia, que o túmulo estava vazio. De acordo com a tradição cristã, foi Maria Madalena quem testemunhou a ressurreição e recebeu a primeira aparição de Jesus.

Desde seu nome até em suas ações pontuadas e estigmatizadas, há muito de preconceito nessa história. Na escrita original dos evangelhos, ela não tem o nome composto de “Maria Madalena”. As escrituras a tratam por “Maria, chamada Madalena”, ou “Maria, a Madalena”.

Supõe-se que o segundo nome seja um diferencial para que não a confundam com a mãe de Jesus e o segundo nome fosse um adjetivo pátrio, uma marcação territorialista. Magdala seria referência a sua aldeia de origem. Um local de comércio e negócios.

Expedições e pesquisas arqueológicas provam que Magdala (Medjal) viveu um próspero período econômico na época do Galileu.

É nessa figura que queremos focar: na mulher corajosa, amorosa, dedicada, apaixonada pelos ideais de bondade, partilha e de luta comum, ainda que em minoria.

Maria Madalena foi uma mulher destemida e de visão. Diligente, amiga, responsável pelo provisionamento de comidas e distribuição das mesmas para o prosseguimento da jornada. Era uma líder nata e excelente administradora de conflitos diários. Assumiu a mais humilde das tarefas caseiras para que outra pessoa (seu líder) tivesse o mínimo de estrutura para pregar e fazer milagres.

Foi audaz ao viver de forma independente e romper com suas tradições e seus laços familiares por acreditar que o que fazia era necessário e correto. Desde aqueles tempos nunca foi fácil para uma mulher desafiar os papéis que lhe eram impostos.

As mulheres judias na Palestina eram colocadas sob provas bastante severas na época de Maria Madalena. Nesse tempo, o judaísmo se empenhava ferozmente para preservar sua identidade contra as influências da cultura helenística.

Assim, as mulheres judaicas da Judeia e da Galileia eram submetidas às interpretações cada vez mais rigorosas da Torá e a regras ainda mais elaboradas em que nenhum direito era favorecido para quem nascia sob a pecha de ser mulher. As mulheres eram, legalmente, propriedade dos homens: de seus pais enquanto não eram casadas, depois passavam a ser de seus maridos.

É esse o nosso ponto comum: Maria Madalena era mulher, independente, defendia suas causas e valores. Era muito diplomática e, dizem, investia financeiramente e socialmente nas viagens que o Cristo e os seus discípulos faziam. Ainda temos muito de Maria Madalena em nós.

Empenhamo-nos às nossas causas por amor, por sonhos e por crença. E assim vamos seguindo, sem esperar que o mundo reconheça nosso importante papel, mas com a certeza de que ele é extremamente necessário.

Pela grande mulher que foi, **salve Maria Madalena!**



Iêda Vilas-Bôas –
Escritora.



Saber e cuidar

DIA MUNDIAL DA LUTA CONTRA A AIDS | 1º DE DEZEMBRO



Faça o teste de HIV! Quanto antes você souber, mais cedo você poderá iniciar o tratamento e proteger a sua saúde.



XAPURI

CAMPANHA ASSINATURA SOLIDÁRIA

PRA XAPURI ACONTECER, NÓS PRECISAMOS DE VOCÊ.

VEN COM A GENTE!

**REVISTA
IMPRESSA**

ANUAL

R\$ **210**,00
12 EDIÇÕES

BIANUAL

R\$ **270**,00
24 EDIÇÕES

ASSINE JÁ!

WWW.XAPURI.INFO/ASSINE

